

**RELATÓRIO**

**PRÁTICA DE ENSINO DE HISTÓRIA NO 1o. e 2o. GRAUS.**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE HUMANIDADES

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

DISCIPLINA: PRÁTICA DE ENSINO DE HISTÓRIA NO 1o. e 2o. GRAUS.

PROFESSOR ORIENTADOR: Celso Gestermeier do Nascimento

PROFESSORA ESTAGIÁRIA: Rilma Suely de Saouza Melo

MATRÍCULA: 9013289-X

COORDENADOR: Antônio Clarindo B. de Souza

RELATÓRIO DA PRÁTICA DE ENSINO DE HISTÓRIA

NO 1o. e 2o. GRAUS.

CAMPINA GRANDE - PB

1995



Biblioteca Setorial do CDSA. Abril de 2024.

Sumé - PB

## DEDICATÓRIA

A Israel, meu companheiro de todas as horas, pelo incentivo, paciência compreensão e ajuda.

"Mestre não é quem sempre ensina mas quem de repente aprende".

João Guimarães Rosa

## AGRADECIMENTOS

- Minha gratidão a Deus - essa energia cósmica que nos invade de coragem nos momentos mais difíceis.
- A Israel - mais do que um amigo, companheiro sempre, meu maior incentivador.
- A minha mãe por todos os cuidados que recebi, que mesmo distante, participou das minhas decepções e alegrias.
- Ao professor Celso Gestemeier, orientador deste estágio, pela paciência, dedicação quando ensina e pelo rigor quando corrige...
- As demais pessoas que de forma direta ou indireta, contribuíram para a realização deste curso.

"A educação não cria o homem. Ajuda-o a criar a si mesmo".

Debesse.

## ÍNDICE

I	- INTRODUÇÃO .....	06
II	- RELATO DAS ATIVIDADES REALIZADAS NA PRÁTICA	08
	a) Descrição das Atividades .....	08
	b) Dificuldades .....	14
	c) Observações/Constatações .....	16
III	- CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	17
IV	- ANEXOS .....	19
V	- BIBLIOGRAFIA .....	64

## I . INTRODUÇÃO .

O presente relatório tem como objetivo narrar e descrever as atividades realizadas durante o estágio, cumprindo, assim os requisitos básicos exigidos para conclusão da disciplina Prática de Ensino em História no 1o. e 2o. graus, sob a forma de Estágio Supervisionado, em função da conclusão do curso de Licenciatura Plena em História.

O Estágio Supervisionado ocorreu em duas etapas: Primeiro, através de um consenso entre o orientador e o orientando escolhemos para nossa prática de ensino a Escola de 2o. grau Elpídio de Almeida, localizada a rua Duque de Caxias, 235, bairro da Prata, no município de Campina Grande Pb; devido facilitar a movimentação entre o local do estágio e da coordenação dos trabalhos a ser feito. Atuamos na disciplina de História GERAL, nas turmas do 2o. ano científico G e E, durante todo mês de novembro e início do mês de dezembro de 1994. Mas devido a problemas referente a impossibilidade de ministrar todas as aulas, neste estabelecimento de ensino, a coordenação geral do estágio propôs que se formasse na Universidade Federal da Paraíba Campus II em Campina Grande Pb uma turma piloto dirigida para os alunos da escola pública que iriam prestar o Vestibular, para que os alunos estagiários concluíssem seus trabalhos. Assim, a segunda etapa desta prática realizou-se na Universidade Federal da Paraíba - Campus II, que está localizada na rua Aprígio

Veloso, 882, bairro de Bodocongó, em Campina Grande, dirigida a uma turma piloto, como conteúdo ministramos temas referentes a História Geral, durante duas horas.

As atividades realizadas neste Estágio Supervisionado, que passaremos a descrever, foram as seguintes: observações de aulas expositivas, planos de aula, exercício, elaboração de texto, plano de unidade, plano de curso, elaboração de prova e fichas de leitura.

Registramos, aqui, também nossas dificuldades, observações, encontros com o orientador, a bibliografia pesquisada, enfim, tudo o que utilizamos e produzimos para poder desenvolver, da melhor forma possível, nossa prática.

Além destas atividades, colocamos em anexo todo o material das atividades realizadas.

## II. RELATO DAS ATIVIDADES REALIZADAS NA PRÁTICA DE ENSINO

### a) Descrição das Atividades

O Estágio Supervisionado teve início em outubro de 1994 numa reunião com o Coordenador Geral da Prática de Ensino o professor Antônio Clarindo B. de Souza, nela participaram os alunos concluintes do período 1994.1. Neste encontro foram dadas as informações sobre a prática, tais como: objetivos; dificuldades; atividades que seriam realizadas (observações de aulas, execuções das aulas, plano de aula, plano de curso, plano de unidade, elaboração de prova, ficha de leitura e relatório final); Campo de estágio, enfim, detalhes técnicos sobre a prática de ensino; além de uma lista de professores-orientadores para o aluno escolher seu orientador. Ficou definido que teríamos encontros esporádicos com todos os estagiários para discutir a execução dos trabalhos.

Escolhemos para nosso orientador o professor Celso Gestermeier do Nascimento, por termos algumas afinidades com o mesmo. Tivemos nosso primeiro encontro onde definimos algumas linhas gerais do trabalho a ser realizado. Decidimos que nossa primeira atividade seria escolher imediatamente o campo de estágio, pois as aulas na rede pública já estavam na etapa final e, precisaríamos ministrar as aulas com certa urgência. Pelo fato de já termos tido experiência em escola de 1o. grau,

deveríamos atuar na escola de 2o. grau. Através de um consenso, escolhemos como campo de estágio a Escola Estadual de 2o grau Elpídio de Almeida. Visitamos a escola e, através de um ofício, solicitamos do diretor para atuarmos como estagiária.

O diretor e a professora regente, Josélia Ramos, não puseram nenhuma dificuldade, pelo contrário foram logo apresentando a escola e as turmas que iríamos trabalhar.

Começamos as observações das aulas no dia 03.11/94, e concluímos no dia 07/11/94. Observamos seis aulas, nas turmas do 2o. ano G e E e no 3 ano E e G. Através de uma ficha de observação registramos alguns aspectos pedagógicos das aulas (ver anexo 1), como também entramos em contato com a realidade da escola e da turma. Podemos perceber que apesar da turma nos receber muito bem, éramos um elemento estranho, a nossa presença os incomodavam, pois quando faziam qualquer coisa (conversavam paralelamente, saiam da sala de aula...) diziam "cuidado a nossa turma está sendo observada", isso impediu que tivéssemos uma visão mais real da turma, mas este contato foi proveitoso, na medida que foi a partir dele que montamos nossa proposta de trabalho, principalmente, no que se refere as aulas a serem ministradas.

Após realizarmos as observações partimos para o planejamento das aulas; a professora regente nos pediu para trabalharmos com o tema os "bárbaros", conteúdo de História Geral, acompanhando o plano de curso em andamento da turma.

Através de alguns encontros com o professor orientador montamos o plano de aula a ser desenvolvido (ver anexo 2) e nele procuramos usar os métodos e as técnicas mais comuns (como a aula

expositiva). Preparamos um texto mimeografado que atendesse as necessidades imediatas dos alunos, usando uma linguagem simples e compreensível a turma e que viabilizassem nossas atividades como professora - estagiária. Partindo desse ponto, elaboramos um texto sobre o conceito e cotidiano dos povos "bárbaros", que desse uma idéia geral sobre os mesmos; além de selecionarmos um mapa (os invasores "bárbaros") e umas leituras de história em quadrinhos. Desse modo, optamos em trabalhar com as novas tendências historiográficas, em particular, com a História do cotidiano, para que os alunos de 2o. grau tivessem acesso ao que está sendo produzido na academia. As dificuldades que encontramos refrem-se a nossa falta de amadurecimento metodológico sobre as novas tendências historiográficas mas com a ajuda do professor foi possível montar as aulas.

Ministramos três aulas expositivas, sendo uma no 2o. ano G e duas no 2o. ano E no dia 25/11/94 sob observação do orientador. Abordamos resumidamente a formação histórica do conceito "bárbaro" associando este através da História em quadrinhos, ao significado que os alunos faziam sobre a palavra "bárbaro"; posteriormente, explicitamos o cotidiano dos povos germânicos no século I (d.c.); usando mapas para localizá-los geograficamente. Fizemos perguntas aos alunos, com a intenção de implementar uma participação deles partindo de suas curiosidades. Felizmente, eles reagiram bem, fizeram questionamentos e até comentários rápidos. Notamos certo interesse pelo assunto, pois ficaram até o final da aula bem atentos. Finalizando, distribuimos o texto com a turma e pedimos para que respondessem

em casa um exercício. Porém, ninguém respondeu, pois como o exercício não valeria nota não tinha "valor". Assim, ficamos impossibilitados de avaliar a retenção de conteúdo pelas turmas. De maneira geral foi muito proveitosa trabalhar com estes alunos da escola pública. Não tivemos nenhuma dificuldade de relacionamento professor/aluno, só ficamos um pouco tensa, mas isso é comum, pois além de estarmos sendo observada pelo orientador, não somos a professora regente da turma. Salientamos também que a própria turma nos ajudou bastante, prestando atenção e fazendo perguntas o que de certa forma dinamizou a aula. Sobre nossas limitações, avaliamos que deveríamos ter falado mais compassado, pois como queríamos dar conta do conteúdo planejado, falamos rápido, isso pode ter deixado a turma cansada, como também ter prejudicado o raciocínio.

Após a aula fizemos uma avaliação com o orientador que nos fez algumas críticas para melhorar uma aula expositiva.

Diante da impossibilidade de ministrarmos mais três aulas na referida escola, pois as escolas estaduais estavam terminando suas atividades, o orientador geral da Prática convocou uma reunião, onde propôs que concluíssemos a prática ministrando as aulas para uma turma piloto na Universidade Federal da Paraíba dirigida a alunos que iriam prestar Vestibular. Assim, no dia 12/12/94 demos três aulas para esta turma. Trabalhando na primeira aula o conceito de "bárbaro", na segunda aula o cotidiano dos germânicos e na última aula as invasões bárbaras. Aproveitamos para a primeira e a segunda aula o texto que usamos no Estadual da Prata e, na terceira aula elaboramos um plano de curso (ver anexo 3) e produzimos um texto

com o tema: "As invasões bárbaras", onde focalizamos as relações conflituosas e pacíficas entre romanos e "Bárbaros", a crise interna romana, as invasões "bárbaras" no século IV e a contribuição dos germânicos para a formação do feudalismo./ As aulas transcorreram de forma semelhantes às ministradas no Estadual da Prata, usamos como procedimentos a aula expositiva dialogada, onde incentivamos a participação dos alunos através de questionamentos. Felizmente, eles reagiram favoravelmente, respondendo os questionamentos, indagando e, até emitindo comentários rápidos. Notamos que as indagações acerca do assunto eram muitas, pois demonstraram querer "matar suas curiosidades", querendo saber mais sobre o assunto. Isto pode ter uma explicação objetiva, ou seja, a intenção da turma er passar no Vestibular. Porém, os alunos não responderam as atividades que passamos para que eles fizessem em casa (exercício e resumo dos textos distribuídos), o que nos impossibilitou mais uma vez, de fazer a avaliação do conteúdo apresentado. O que para nós foi frustrante, na medida que não tínhamos como "exigir" desses alunos absolutamente nada.

Após ministrarmos as aulas e termos elaborado os planos destas, tivemos um encontro com o orientador onde acertamos que o próximo passo seria a conclusão da elaboração do plano de unidade e o plano de curso, o orientador nos passou um material informativo sobre o tema para que seguissemos o modelos estabelecido pelo DHG (Departamento de História e Geografia). A partir daí selecionamos uma bibliografia básica e montamos os planos de curso e de unidade. Este último corresponde a uma

simulação do 4o. Bimestre do 2o. ano científico da Escola Estadual de 2o. Grau Elpídio de Almeida, sendo o conteúdo distribuído em três etapas sucessivas: Períodos históricos da civilização romana, aspectos da civilização romana e os "bárbaros". Já o plano de curso corresponde a um plano anual de 60 h/aulas, sendo também uma simulação do programa a ser executado no ano letivo de 1994, no 2o. ano científico da escola referida acima, tendo como objetivo levar o aluno a compreender o processo histórico das sociedades da pré-história até os primórdios do feudalismo. Estes planos foram aprovados pelo orientador após algumas observações e acertos (ver. anexo 4 e 5).

Em seguida, elaboramos uma prova com o conteúdo dos dois textos utilizados quando ministramos as aulas para o professor orientador avaliar a nossa capacidade neste aspecto. Esta prova também é uma simulação, pois foi feita para o 2o. ano científico da citada escola que iniciamos esta prática. A dificuldade que encontramos foi justamente não podermos aplicá-la, para podermos avaliar se as respostas emitidas pelos alunos correspondiam aos objetivos das questões. Após alguns acertos ela foi aprovada pelo nosso orientador. (ver anexo 6).

Nossa próxima atividade (sugerida pelo orientador) foi a elaboração duas fichas de leituras, através de alguns critérios estabelecidos pela organização da prática no DHG. Na primeira ficha de leitura analisamos o texto "A prática escolar" da autora Célia Pezzalo de Carvalho que tratava dos problemas e perspectivas do ensino noturno na escola pública o segundo texto analisado foi "A questão das técnicas didáticas" da autora Rosa Maria Bueno Fischer, onde ela discute criticamente o uso por

parte dos professores de uma metodologia e técnicas didáticas (a aula expositiva e trabalho em grupo), sugerindo algumas dicas para uma melhor utilização dessas técnicas. O objetivo dessas fichas de leitura era o de suscitar uma discussão sobre a prática pedagógica (seus problemas, perspectivas...) entre nós e o orientador, infelizmente como já estávamos no final do período, não foi possível fazermos uma discussão mais aprofundada. Tivemos alguns encontros onde debatemos de forma rápida o conteúdo dos textos. Porém, para nós, estas leituras foram muito interessantes, na medida que fizemos algumas reflexões sobre os problemas e sugestões levantadas pelas autoras (ver anexo 7).

Como última atividade desta prática de ensino por nós executada foi justamente este relatório.

#### b) Dificuldades

Durante esta prática de ensino tivemos algumas dificuldades que queremos registrar aqui. A primeira delas refere-se a própria estrutura da universidade que não dispõe de uma escola experimental, onde aluno que faz um curso de Licenciatura possa ter experiências práticas de ensino, para não ficar só na teoria. Pois acreditamos que não é de responsabilidade do aluno sair à "caça" de uma escola para ministrar sua prática quando da conclusão do curso, pois tivemos quer ir, a escola escolhidas por nós, várias vezes para pedir a autorização do diretor para executarmos este estágio, já que o mesmo estava viajando. Segundo, consideramo-nos uma estranha na escola e na turma que estagiamos, pois não podemos "exigir" certas atividades

dos alunos, na medida que vamos lá apenas para que os alunos nos servissem de calouras e eles, percebendo isso, podem emitir dois tipos de comportamento: serem atraídos pela novidade e participarem das aulas com interesse ou simplesmente rejeitarem o estagiário, na medida que assistem as aulas por "educação", mas não "vivem" a aula, pois podem não fazer as atividades propostas por este. O que aconteceu conosco foi os dois casos, os alunos sentiram-se atraídos, assistiram a aula com certo interesse, porém quando pedimos para eles responderem o exercício não o fizeram. Isso pode ser uma prova que a relação estagiário - aluno é "artificial", pois forçamos uma realidade: ser professora de alguns alunos. Terceiro, encontramos dificuldades com relação as greves da unviversidade que acabou atrasando o semestre, assim ele não coincidiu com período de aula das escolas que servem como campo de estágio. Assim, já começamos esta prática ministrando as aulas; quase sem nenhuma discussão pedagógica prévia com orientador, pois não podíamos perder tempo. Isso gerou certas dificuldades, como a de não ter usado as duas sobre as aulas expositivas que a autora de um dos textos das fichas de leituras forneceu. E em quarto lugar, queremos ressaltar que o semestre foi muito corrido, o que prejudicou que tivéssemos tido mais encontros com o orientador, para melhor ter desenvolvido este estágio, já que os nossos encontros foram, apesar de rápidos, muito proveitosos, sem os quais torna-se-ia difícil a nossa conclusão de curso.

### c) Observações (Constatações)

Através deste estágio pudemos constatar vários aspectos, tais como: a realidade da escola pública é caótica, pois percebemos que alguns professores fingem que dão aula e os alunos fingem que assistem, o que é um quadro lamentável, pois o colégio Estadual da Prata, anos atrás, era uma escola onde estudava a elite campinense, oferecendo um bom nível de ensino e, ajudando o aluno a conseguir aprovação no Vestibular. E, se ainda hoje, tal escola é vista como o melhor colégio público da cidade e um dos melhores do estado, o que vimos lá nos preocupou bastante: alunos que não assistem aula, ou saem da sala e o professor nem liga; professores que não vão dar aula etc, imaginemos as outras escolas públicas!

Percebemos, também, que a corrente historiográfica que prevalece no ensino de história no 1o. e 2o. grau é a positiva, pois, os textos que a professora regente distribuiu e as aulas que ministrou eram nesta perspectiva (ver anexo 1). Desse modo, há um descompasso do que é produzido na Universidade e o que chega às escolas. Além de ressaltarmos que ao término desta prática de ensino nos demos conta que esta mal começou e já terminou. Isso prova que apenas um semestre é muito pouco, e insuficiente para o aluno sair da universidade com pelo menos alguma experiência prática no processo ensino-aprendizagem; visto que ele é um profissional que irá concorrer no mercado de trabalho com outros profissionais experientes.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O final de um curso representa um momento de reflexão, um momento de auto-avaliação dos longos anos que o aluno passou na universidade; uma reflexão sobre como por em prática os conhecimentos adquiridos na universidade. Esse momento aconteceu durante este período que cursamos a prática de ensino no 1o. e 2o. graus.

Para nós esta disciplina foi muito importante para nossa atuação como futura professora de História, pois ela nos forneceu a oportunidade, mesmo restrita, de conhecer, analisar e avaliar o papel da professora no processo ensino-aprendizagem; de conhecer de perto a realidade da escola pública brasileira de 1o. e 2o. graus, sua problemática e dificuldade que discutíamos teoricamente na universidade.

Aprendemos bastante neste estágio e consideramos que todas as atividades foram positivas, pois compreendemos e fizemos planos de aulas; plano de unidade; plano de curso; elaboramos provas, ou seja, atividades que todo professor tem que fazer no seu cotidiano escolar. Porém, a experiência mais valiosa que consideramos foi ministrar as aulas, na medida que nos colocamos como um profissional de fato e, não apenas como um aprendiz de professor. O que achamos negativo nesta prática de ensino foi o fato de não termos tido reuniões gerais, com todos os alunos que cursavam esta disciplina para avaliarmos, discutimos etc, a experiência, a vivência que cada um estava

pensando ora, assim, socializarmos este momento.

Gostaria de sugerir que além das atividades desenvolvidas por nós, fosse incorporado à prática de ensino Oficinas para preparação de recursos didáticos e que o material produzido ficasse na universidade para outros alunos usarem, suprimindo assim as deficiências que o curso apresenta com relação a disciplinas pedagógicas.

Outros aspectos, a nosso ver, que precisam ser repensados, para uma prática mais significativa, são a questão do tempo, o departamento de História deve criar um canal aberto com algumas escolas o que facilitaria muito a aquisição de campos de estágio e, a disciplina metodologia do ensino de 1o. e 2o. grau que estudamos paralela ao estágio, deveria ter uma sintonia com a prática, para que os métodos e técnicas pedagógicas discutidos nesta disciplina fossem aplicados já no estágio supervisionado.

Por fim, queremos dizer que acreditamos termos atingido os objetivos propostos nesta prática não de forma ideal mas, sim, de forma real, dentro dos limites impostos pela própria estrutura da Universidade e da Escola Pública. E que as nossas deficiências as nossas falhas, os nossos erros sejam minimizados na nossa prática como profissionais.

**IV - ANEXOS**

**ANEXO 1**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA**

**FICHA DE OBSERVAÇÃO DE AULA PARA ESTAGIÁRIO**

**1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO**

NOME DO ESTAGIÁRIO: Rilma Suely de Sousa Melo

CURSO: Licenciatura Plena em História

COLEGIO DO ESTÁGIO: Escola de Estadual de 2o. Grau

Elpídio de Almeida

NOME DO PROFESSOR: Josélia Ramos

GRAU: 2ª. Série 2o. Ano      Disciplina: História

PERÍODO:                      Data: 03/11/94      Duração: 45m.

**2. ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO:**

01. O Professor explicitou para a turma os objetivos da aula  
quais: Sim. Compreender os períodos históricos da  
civilização romana e entender o escravismo, a religião e a  
cultura romana.

02. Qual o assunto desenvolvido na aula? Origem de Roma;  
Períodos: Monárquico, Republicano, Imperial; e escravismo em  
Roma; questão religiosa e suas influências; e a cultura romana

03. De que forma os alunos participaram da aula:  
Com observações, propondo sugestões e perguntas.
04. Houve uma distribuição racional do tempo? Sim. Apresentação dos temas, sorteio dos temas, formação das equipes e execução do trabalho em grupo
05. Durante a aula o tipo de relacionamento mantido pelo professor com os alunos:  
Amistosa, cordial, mas também agressiva (gritou e bateu no birô)
06. Quais estratégias de aprendizagem o professor utilizou durante a aula?  
Trabalho em grupo, sob orientação da professora.
07. Quais os recursos didáticos utilizados na aula e como foram utilizados.  
Quadro de giz, para colocar os temas e os objetivos de cada trabalho em grupo.  
Livro didático: distribuído para cada equipe pesquisar o tema que estava estudando.
08. Os alunos se mantiveram interessados? comente.  
Alguns sim outros não. Alguns interviam e faziam perguntas a professora e aos membros da equipe, outros liam e resumia o assunto, mas alguns só copiava o assunto do livro, e outros saíram da classe.

09. Existiu problemas de indisciplinas? como foram tratados?

Sim. Alunos entravam e saiam, da aula, conversas paralelas.  
A professora pedia silêncio batia no birô, mas alguns alunos não atendia a professora

10. Os objetivos propostos pelo Professor no início da aula, foram atingidos? Comente.

Sim. Pois algumas equipes se reuniram, pesquisaram e resumiram os assuntos propostos pela professora.

11. Que tipo de estímulos foram utilizados pelo Professor durante a aula, para motivar a turma?

Sorteio dos temas, tirar dúvidas e leitura de algumas partes do texto.

12. Comente a preocupação do Professor com:

a) desenvolvimento da reflexão do aluno?

Durante a aula a professora pedia para os alunos não copiar o texto do livro, e sim, resumir com suas próprias palavras.

b) formação de hábitos e atitudes?

A professora pediu para alguns alunos sentarem direito"

c) desenvolvimento de habilidades?

A professora estava preocupada com a leitura e escrita dos alunos, daí ter proposto o trabalho em grupo.

13. Que outras apreciações gostaria de fazer?

Apenas gostaríamos de ressaltar que a aula poderia ter sido melhor se a professora tivesse domínio de turma, pois os alunos que saíam ou os que conversavam paralelamente atrapalhavam as equipes que estavam pesquisando.

Campina Grande, 03 de novembro de 1994.

Rilma Suely de Sousa Melo

Aluna Estagiária

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

FICHA DE OBSERVAÇÃO DE AULA PARA ESTAGIÁRIO

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

NOME DO ESTAGIÁRIO: Rilma Suely de Sousa Melo

CURSO: Licenciatura Plena em História

COLÉGIO DO ESTÁGIO: Escola Estadual de 2o. Grau  
Elpído de Almeida

NOME DO PROFESSOR: Josélia Ramos

GRAU: 2o. Série: 2o. Ano E Disciplina: História Geral

PERÍODO: Data: 03/11/94 Duração 45m.

2. ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

01. O professor explicitou para a turma os objetivos da aula.  
Quais.

Sim. Compreender os períodos históricos da civilização romana, e entender o escravismo em Roma, questão religiosa e suas influências, e a cultura romana.

02. Qual o assunto desenvolvido na aula?

03. De que forma os alunos participaram da aula:

Com perguntas e observações.

04. Houve uma distribuição racional do tempo?

Sim. Apresentação dos temas, sorteio dos temas, formação das equipes e execução do trabalho em grupo de 5 pessoas.

05. Durante a aula qual o tipo de relacionamento mantido pelo professor com os alunos:

Amistoso, cordial.

06. Quais estratégias de aprendizagem o Professor utilizou durante a aula?

Trabalho em grupo, sob orientação da professora.

07. Quais os recursos didáticos utilizados na aula e como foram utilizados?

Quadro de giz para colocar os temas e os objetivos de cada trabalho em grupo.

Livro didático distribuído para cada equipe consultar.

08. Os alunos se mantiveram interessados? Comente.

Sim. Todos ficaram pesquisando em suas equipes, perguntaram a professora questões sobre os temas, leram e resumiram os assuntos.

09. Existiu problemas de indisciplina? Como foram tratados?

Não.

10. Os objetivos propostos pelo professor no início da aula, foram atingidos? Comente.

Sim. Pelo menos as equipes trabalharam até o final da aula, sempre interessados.

11. Que tipos de estímulos foram utilizados pelo Professor durante a aula, para motivar a turma?

Sorteio dos temas, tirar às dúvidas dos alunos e fez perguntas as equipes além de ler algumas partes de textos.

12. Comente a preocupação do Professor com:

a) desenvolvimento da reflexão do aluno?

A professora pediu aos alunos, para que eles não copiasse o assunto e sim resumisse com suas próprias palavras.

b) formação de hábitos e atitudes?

Não percebemos nenhuma preocupação neste sentido.

c) desenvolvimento de habilidades?

A professora mostrava preocupada com a forma que os alunos liam e resumiam o conteúdo, por isso passou o trabalho em grupo.

13. Que outras apreciações gostaria de fazer?

Achamos que seria mais interessante o trabalho em grupo se a professora tivesse distribuído mais livros didáticos, pois cada equipe tinha apenas um livro para consultar.

Campina Grande, 03 de novembro de 1994.

Rilma Suely de Sousa Melo

Aluna Estagiária

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA

CENTRO DE HUMANIDADES

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

FICHA DE OBSERVAÇÃO DE AULA PARA ESTAGIÁRIO

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

NOME DA ESTAGIÁRIA: Rillma Suely de Sousa Melo

CURSO: Licenciatura Plena em História

COLÉGIO DO ESTÁGIO: Escola Estadual de 2o. Grau

Elpíido de Almeida

NOME DO PROFESSOR: Josélia Ramos

GRAU: 2o. Série: 3o Ano E Disciplina: História Geral

PERÍODO: Data: 07/11/94 Duração: 45m.

2. ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO:

01. O Professor explicitou para a turma os objetivos da aula?

Quais.

Sim. Exercício de revisão preparatório para o vestibular.

O exercício está anexado após esta ficha de observação.

02. Qual o assunto desenvolvido na aula?

A Revolução Russa e Segundo Guerra Mundial.

03. De que forma os alunos participaram da aula:

Respondendo as questões, tirando dúvida.

04. Houve uma distribuição racional do tempo? Sim. Primeiro leu as questões do exercício, depois os alunos responderam individualmente e, em seguida, houve a covicção de forma oral.

05. Durante a aula qual o tipo de relacionamento mantido pelo professor com os alunos.

Cordialidade, rindo, ouvindo os alunos.

06. Quais estratégias de aprendizagem o Professor utilizou durante a aula?

Exercício de fixação "Bizurada"

Aula dialogada (respostas e perguntas)

07. Quais os recursos didáticos utilizados na aula e como foram utilizados?

- Exercício mimeografado e quadro de giz para colocar as alternativas corretas.

08. Os alunos se mantiveram interessados? Comente.

Sim. Perguntavam e respondiam as questões, além de alguns discutir as despostas com seus vizinhos.

09. Existiu problemas de indisciplina? Como foram tratados?

Sim. Um aluno saiu e bateu a porta, a professora nem ligou, continuou lendo o exercício.

10. Os objetivos propostos pelo Professor no início da aula foram atingidos? Comente

Sim. Os alunos responderam as questões a contento.

11. Que tipo de estímulos foram utilizados pelo Professor durante a aula, para motivar a turma?

Perguntas individuais a professora circulava pela sala observando e orientando as respostas dos alunos.

12. Comente a preocupação do Professor com:

a) desenvolvimento da reflexão do aluno?

A professora pediu para os alunos prestarem atenção na resposta, refletir sobre cada um e só depois responder.

b) Ler com atenção e sentar "direito" a professora alertou alguns alunos.

c) desenvolvimento de habilidades?

O professor se preocupava em desenvolver a objetividade no aluno por isso o exercício era de múltipla escolha.

13. Que outras apreciações gostaria de fazer?

Apenas que se a professora tivesse lido mais devagar ou mais compassada, os alunos poderiam refletir e fixar mais as questões.

Campina Grande 07 de novembro de 1994.

Rilma Suely de Sousa Melo

Aluna Estagiária

ALUNO(A) \_\_\_\_\_ SERIE \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_

- 1º Assinale a alternativa errada:
- a) O primeiro regime socialista da história foi implantado com a Revolução de 1917.
  - b) A Revolução Russa de 1917 resultou, em grande parte, da defasagem existente entre a realidade econômica e a estrutura sócio-política ligada ainda ao regime.
  - c) O Partido, os Soviotes, o Exército vermelho e a NEP foram / instrumentos da consolidação da Revolução de 1917.
  - d) O Partido Bolchevique defendia abertamente as posições de / pequena burguesia russa.

2º Coloque V nas frases verdadeiras e F nas falsas. Em seguida assinale a letra correspondente:

- 1- ( ) A Revolução russa pode ser considerada o primeiro desafio claro do sistema capitalista.
- 2- ( ) A Igreja ortodoxa apoiava o regime socialista e atuava ao lado da população justificando a autocracia.
- 3- ( ) O marxismo foi difundido na Rússia já em fins do séc. / XIX, quando fundou-se o Partido Social-Democrata.
- 4- ( ) O Partido Bolchevique (Majoritário) defendia a organização de uma estreita aliança operária-camponesa, com o objetivo de derrubar não apenas o Czarismo, mas também / o próprio sistema capitalista.
- 5- ( ) Para os Mencheviques era necessário uma aliança com a / burguesia e a passagem progressiva do capitalismo ao socialismo.
- 6- ( ) Ao se estabelecer o governo socialista, os dirigentes / bolcheviques não encontraram nenhuma resistência.

XX Responda as questões abaixo utilizando o código

- A- se todas estiverem corretas
- B- se todas estiverem incorretas
- C- se apenas a afirmativa I estiver correta
- D- se apenas as afirmativas estiverem corretas

- 3º ( )
- I- Em outubro de 1917, a revolução ganhava as ruas. O governo provisório privado do apoio dos soviotes não conseguiu / resistir.
  - II- Para superar a crise econômica que assolava a Rússia após a guerra civil, Lênin organizou A Nova Política Econômica.
  - III- A economia foi socializada, encarregando-se o Estado de / controlar a produção e regulamentar a distribuição.

- 4º ( )
- I- Os vermelhos pretendiam preservar as conquistas revolucionárias, insistindo na permanência do capitalismo.
  - II- Em 1918 iniciou-se a guerra entre brancos e vermelhos os / primeiros representavam a contra revolução e contavam com o apoio de potências estrangeiras.
  - III- A partir de 1928 foram adotadas os planos quinquenais de desenvolvimento, planejando globalmente a economia do país.

- 5º ( )
- I- A Segunda Grande Guerra adquire um caráter mundial quando / os japoneses atacam a base norte-americana de Pearl Harbur.
  - II- Adolf Hitler conseguiu alcançar o poder e fortalecer o Estado nazista por ele criado.
  - III- Uma dos principais objetivos de Hitler era romper com as / restrições impostas pelo Tratado de Versalhes e alterar a ordem internacional estabelecida pelos países vencedores / da Primeira Guerra.

6º Os países chamados "do eixo", durante a Segunda Guerra Mundial eram:

- a) França, Holanda e Bélgica;
- b) Alemanha, Rússia e Itália;
- c) Estados Unidos, França e Inglaterra;
- d) Alemanha Itália e Japão;
- e) Alemanha França e Inglaterra.

7º Assinale a alternativa que reúne o conjunto de medidas presente na Segunda Guerra Mundial.

- a) I, II e IV
- b) II, III e IV
- c) I, II, III e IV
- d) I, III e IV
- e) II e III

7º ( )

I- Criada em 1919 para preservar a paz mundial a Liga das Nações revelava-se um organismo impotente, devido a ausência de grandes nações como os Estados Unidos e a União Soviética.

II- Na primeira etapa da guerra 1939-1941 os alemães conseguiram conquistar a Dinamarca, Noruega, Holanda Bélgica e ~~Fr~~ França.

III- Opondo-se ao governo de Petain, conhecido como o colaboracionista, formou-se o grupo dos franceses livres liderados pelo general Charles De Gaulle, que representava as forças de resistência francesa do nazismo.

IV- As Potências Aliadas estava representada pela Inglaterra, Estados Unidos, União Soviética e França.

8º ( )

I- As tropas blindadas do exército alemão entraram em Stalingrado, onde foi travada uma das mais sangrentas batalhas em toda a guerra.

II- Os russos conseguiram render os alemães e a batalha de Stalingrado colocava fim ao mito da invencibilidade alemã.

III- A Inglaterra não conseguiu resistir aos ataques da Alemanha sendo ocupada em 1940.

IV- A FEB (Força Expedicionária Brasileira), com um efetivo de mais de 25 mil homens, participou da luta contra o Nazismo durante essa campanha na Itália.

9º O conceito de Guerra Fria aplicada as relações internacionais após 1945, significa basicamente:

- a) O conjunto de lutas travadas pelo povo iraniano contra a dinastia Pahlevi.
- b) A formação de blocos econômicos rivais: MEC e o COMECON.
- c) As disputas diplomáticas entre árabes e israelenses pela posse da Península do Sinai.
- d) A rivalidade entre dois blocos antagonicos, pelos EUA e URSS, respectivamente.
- e) O conjunto de guerras pela independência nacional ocorridas na Ásia.

10º Respondendo a criação do bloco militar dos países ocidentais, a União Soviética e seus aliados organizaram:

- a) A Liga das Nações Socialistas;
- b) A Cortina de Ferro;
- c) O Plano MARSHAL
- d) O Pacto de Varsóvia.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

FICHA DE OBSERVAÇÃO DE AULA PARA ESTAGIÁRIO

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

NOME DO ESTAGIÁRIO: Rilma Suely de Sousa Melo

CURSO: Licenciatura Plena em História

COLÉGIO DO ESTÁGIO: Escola Estadual de 2o. Grau  
Elpídio de Almeida

NOME DO PROFESSOR: Josélia Ramos

GRAU: 2o Série: 3o Ano G Disciplina: História Geral

PERÍODO: Data: 07/11/94 Duração: 45m.

2. ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

01. O professor explicitou para a turma os objetivos da aula?  
Quais.

Sim. Compreender a Revolução Russa nos seguintes aspectos  
estruturação, organização efetivação e consequência.

02. Qual o assunto desenvolvido na aula?

A Revolução Russa de 1917 (o texto distribuído pela  
professora s encontra logo após esta ficha de observação

03. De que forma os alunos participaram da aula:

Lendo o texto, perguntas e observações.

04. Houve uma distribuição racional do tempo? Sim. Primeiro ia lendo e explicando o texto.

05. Durante a aula qual o tipo de relacionamento mantido pelo professor com os alunos.

Cordialmente.

06. Quais estratégias de aprendizagem o professor utilizou durante a aula?

Aula expositiva dialogada.

07. Quais os recursos didáticos utilizados na aula e como foram utilizados?

- O texto mimeografado: a professora lia e explicava partes do mesmo.

- O quadro de giz utilizado para escrever os tópicos principais do texto.

08. Os alunos se mativeram interessados? Comente.

Alguns sim, lia e perguntava sobre o conteúdo, outros saíram e outros conversavam paralelamente.

09. Existiu problemas de indisciplina? Como foram tratadas?

Sim. Alunos saíram sem pedir permissão da professora e esta nem se incomodou, continuou ministrando a aula.

10. Os objetivos propostos pelo Professor no início da aula, foram atingidos? Comente.

Fica difícil de responder esta pergunta, pois se alguns alunos acompanharam atentos a aula não significa que esteve entendendo o conteúdo ou aprendendo o mesmo. Só através de um exercício de fixação, ou uma prova, ou ainda um resumo... poderíamos avaliar se isso ocorreu.

11. Que tipos de estímulos foram utilizados pelo Professor durante a aula, para motivar a turma?

Perguntas e indagações.

12. Comente a preocupação do Professor com:

a) desenvolvimento da reflexão do aluno?

A professora fez alguns questionamentos à turma no sentido de os levar a refletir porém só alguns responderam satisfatoriamente.

b) formação de hábitos e atitudes?

Não observamos nada neste sentido.

c) desenvolvimento de habilidades?

Também não constatamos a preocupação com o desenvolvimento de habilidades.

13. Que outras apreciações gostaria de fazer?

Nenhuma.

Campina Grande, 07 de novembro de 1994.

Rilma Suely de Sousa Melo

Aluna Estagiária

## A REVOLUÇÃO RUSSA

Segundo um dos estudiosos da Revolução Russa, ela pode ser considerada o primeiro desafio claro do sistema capitalista. De fato, foi a Rússia, em 1917, o país que percorreu a via socialista para tentar solucionar as contradições do capitalismo.

Até 1917, o poder político estava nas mãos de um czar, que apoiava-se numa burocracia corrupta cuja principal preocupação era conseguir favores políticos. A base de todo o regime encontrava-se entre a aristocracia rural, caracterizada pela onipotência e pela insensibilidade para com os trabalhadores. Entre a nobreza rural era recrutada a alta oficialidade do exército. A Igreja Ortodoxa apoiava o regime e atuava junto à população justificando a autocracia.

Algumas reformas foram tentadas, a partir da segunda metade do século XIX. Introduziram-se técnicas ocidentais e fez-se a abolição da servidão (1861), o que propiciou condições para o desenvolvimento do operariado russo.

A partir do governo de Nicolau II (1894) verifica-se uma aceleração da industrialização. O avanço industrial das três últimas décadas do século XIX era quase inteiramente financiado pelo capital estrangeiro - notadamente o francês, o que contribuiu para que o processo assumisse características ímpares. Como observa o historiador inglês Christopher Hill, em sua obra clássica Lênin e a Revolução Russa, "a essa tempo outra força entrara em cena: o movimento da classe operária criada pela industrialização. O proletariado russo, // arrastado de suas pobres negas de terra, jogado nas fábricas e minas, grosseiramente mal pago e trabalhando em excesso, depressa tomou consciência de si mesmo em condições as mais propícias à comunhão, a ~~solid~~ solidariedade de classe, a organização e ao surto de / um movimento de massa revolucionária. Por ter chegado tão bruscanente da manufatura à grande usina modernamente equipada. As fábricas / tendiam a ser controladas, ou por firmas estrangeiras interessadas sobretudo nos lucros rápidos, ou por capitalistas nacionais eficientes que só sabiam competir suprimindo gastos. (HILL, Christopher. Lênin e a Revolução Russa. 2 ed., Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1967, p.18).

Ao mesmo tempo em que a Rússia desenvolvia sua indústria graças à tecnologia e capital estrangeiros e a luta de classes desenrolava-se incessantemente, chegava do ocidente o socialismo, ideologia que iria encontrar uma grande aceitação. Mais do que em qualquer país a máxima de Marx, formulado no Manifesto Comunista de 1848, se aplicava aos trabalhadores russos - estes, "não tinham nada a perder senão os próprios grilhões".

O marxismo foi difundido na Rússia já em fins do século XIX, quando fundou-se o Partido Social-Democrata. Em 1903, o Social Democrata cindiu-se em dois blocos: os bolchevistas e os menchevistas. O / partido Bolchevique (majoritário) defendia a organização de uma ~~estreita~~ estreita aliança operário-camponesa, com o objetivo de derrubar não apenas o czarismo, mas também o próprio sistema capitalista. Para os bolcheviques, liderados por Lênin, através da ação revolucionária / radical esse objetivo deveria ser alcançado. Para os mencheviques / era necessário uma aliança com a burguesia e a passagem progressiva do capitalismo ao socialismo. Acreditavam que era impossível a Rússia sair de uma estrutura feudal para o socialismo, sem que antes / o capitalismo tivesse feito progressos sensíveis. Assim esperavam alcançar o socialismo através de reformas dentro do próprio sistema capitalista ("reformas progressivas").

É interessante notar que, nos primeiros anos do século XX, apesar de toda a repressão do regime czarista, avolumavam-se os descontentamentos e a ação dos partidos. As contradições internas e a falta de diálogo e abertura do regime acabariam por levá-lo à derrocada final.

A Revolução de 1905 foi o sinal mais evidente de que a derrocada era apenas uma questão de tempo. Conhecido pela expressão ensaio geral, esse movimento revolucionário foi decorrente de uma ampla insatisfação social e teve, como fator desencadeador, a derrota da Rússia frente ao Japão na guerra de 1904-1905. O desastre militar desencadeou uma onda de protestos contra o regime: operários, camponeses, soldados, marinheiros e até mesmo a burguesia (interessada na liberalização do país) se manifestaram abertamente contra o governo. A extensão do movimento assustou a burguesia (representada pelo Partido Constitucional Democrata - Cadete), que acabou adotando uma posição contra-revolucionária. Após algumas concessões (como a convocação de uma DUMA, ou Assembléia Legislativa) e promessas de reformas, o czar terminou esmagando o movimento reprimindo-o brutalmente. Foi significativa a ajuda de capitalistas estrangeiros, que viam na contra-revolução a garantia da manutenção dos investimentos no país. Os soviets (conselhos de representantes de operários, soldados e camponeses) adquiriram um significado especial durante os acontecimentos de 1905, na medida que foram eles que comandaram as greves em várias cidades industriais.

Em 1904 a Rússia se envolveu na Primeira Guerra Mundial. O envolvimento se deu devido à sua participação na Tríplice Entente e de sua política pan-eslavista, que implicava em apoio aos povos da península Balcânica. Apesar de mobilizar cerca de 15 milhões de homens, o conflito acentuava as contradições já existentes. Faltava material e a organização do exército era falha. Diante das seguidas derrotas, cresceram as oposições à participação da Rússia. Legalmente a DUMA se opunha, enquanto que ilegalmente eram organizadas greves nas fábricas e deserções eram estimuladas no "front".

A situação se tornou insustentável em fevereiro de 1917. A situação econômica não mais era controlada pelo governo. Segundo Hill, os salários nominais na indústria davam para comprar menos de 45% dos gêneros que se adquiriam em 1913. O número de desertores chegou a 1 milhão e quinhentos mil. Foram instituídos cartões de racionamento e a miséria era enorme. No final do mês foram organizadas passeatas. As tropas que deveriam reprimir as manifestações se confraternizaram com os grevistas, cujas palavras de ordem eram: "pão, Viva a República, Abaixo a guerra." O governo havia realmente perdido o controle.

Com a abdicação do czar, chegou ao fim a autocracia na Rússia. O novo governo estabeleceu uma república liberal-burguesa, de acordo com os interesses dos deputados da DUMA. As decisões do governo contrariaram os interesses dos soviets e contribuíram para que perdesse o apoio popular. Tais decisões foram: libertação dos presos políticos; planos para a eleição de uma Assembleia Constituinte (sempre aliados); decisão de que a Rússia deveria continuar a lutar na Primeira Guerra. Pode-se concluir que as medidas não vinham de encontro às aspirações do proletariado. Segundo o jornalista norteamericano John Reed, que esteve presente aos acontecimentos, "as classes dominantes pretendiam uma revolução unicamente política (...) As massas populares queriam uma verdadeira democracia operária e camponesa".

A insistência na continuidade da guerra gerou violenta oposição e esta foi canalizada pelo Partido Bolchevique.

Para o Partido (reorganizado por Lênin que voltara do exílio em Abril, beneficiado pela anistia geral) as propostas poderiam ser resumidas / em: Paz, Terra e Pão. Ou seja, retirada imediata da guerra, expropriação dos grandes proprietários, seguida da distribuição de terras aos camponeses e controle das fábricas pelos operários. Entretanto este / programa só poderia ser cumprido no instante em que a DUMA, burguesa e reacionária, fosse afastada. Assim, o grito da massa trabalhadora / resumia-se em: Todo poder aos Soviets|.

Em outubro de 1917 a revolução ganhava as ruas. O governo provisório privado do apoio dos soviets não conseguiu resistir. Com a sua / deposição, os soviets assumiram o poder, com Lênin à frente. Logo a seguir foi eleito um governo operário e camponês, composto de bolcheviques. Os principais decretos do novo governo determinaram: expropriação das terras e sua distribuição aos camponeses através de Comitês Agrários; armistício com a Alemanha, que foi assinado por Trotsky em março de 1918 (Tratado de Brest-Litovsk); nacionalização dos bancos e investimentos estrangeiros; controle operário da produção. Também foi organizado o Exército Vermelho e o Partido Bolchevique / passou a ser conhecido como Partido Comunista.

Através do mapa pode-se perceber as condições da "paz" impostas / pelas potências centrais.

Em 1918 iniciou-se a guerra entre brancos e vermelhos. Os primeiros representavam a contra-revolução e contavam com o apoio de potências estrangeiras. Os vermelhos pretendiam preservar as conquistas revolucionárias. Muitos dos generais brancos eram antigos oficiais / da monarquia czarista. A guerra civil terminou em 1921, com a derrota dos russos brancos.

Durante a guerra civil foi aplicado o Comunismo de Guerra, que estabeleceu o trabalho obrigatório e a requisição forçada dos produtos agrícolas.

A partir de 1921, empreendeu-se uma nova política econômica (NEP), que procurou restaurar a economia de mercado. Segundo Lênin era preciso retomar a iniciativa privada, reorganizar a economia e restaurar a confiança. Para tanto foi suprimida a requisição forçada dos / produtos agrícolas e restabelecida a distinção salarial. Foi permitida a contratação de ~~técnicos~~ técnicos estrangeiros para setores básicos da economia e a inversão de capitais estrangeiros. Com a reorganização econômica restabelecida entre 1921 e 1928, partiu-se para a edificação definitiva do socialismo. Era a fase dos planos quinquenais. As principais características dessa nova fase poderiam ser resumidas da seguinte forma:

- desenvolvimento da indústria de base, em detrimento da indústria leve, de bens de consumo;
- coletivização dos campos;
- organização da GOSPLAN - comissão estatal que passou a centralizar o planejamento econômico;
- surgimento das cooperativas (KOLKHOZES) e das fazendas estatais / (SOVKHOZES). Com a morte de LÊNIN, em 1924, o que se assistiu no plano político foi a luta pelo poder entre Stalin e Trotsky. Com o afastamento de Trotsky e seus seguidores, Stalin impôs o seu poder pessoal na União Soviética até 1953.

#### B I B L I O G R A F I A

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

FICHA DE OBSERVAÇÃO DE AULA PARA ESTAGIÁRIO

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

NOME DO ESTAGIÁRIO: Rilma Suely de Sousa Melo

CURSO: Licenciatura Plena em História

COLÉGIO DO ESTÁGIO: Escola Estadual de 2o. Grau  
Elpídio de Almeida

NOME DO PROFESSOR: Josélia Ramos

GRAU: 2o. Série: 2o. Ano G Disciplina: História Geral

PERÍODO: Data: 07/11/94 Duração: 45m.

2. ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO:

01. O professor explicitou para a turma os objetivos da aula?  
Quais.

Sim. Apresentação dos trabalhos em grupo executado na  
semana anterior.

02. Qual o assunto desenvolvido na aula?

Origem de Roma e Períodos da História Romana: Monárquico e  
Republicano.

03. De que forma os alunos participaram da aula:

Apresentando os trabalhos (as equipes que apresentavam naquela data). E outras falavam.

04. Houve uma distribuição racional do tempo?

Sim. Primeiro a professora disse as notas do 3o bimestre, depois as equipes se apresentaram.

05. Durante a aula qual o tipo de relacionamento mantido pelo professor com os alunos

Amistoso.

06. Quais estratégias de aprendizagem o professor utilizou durante a aula?

- Apresentação de trabalho em grupo pelas equipes.

07. Quais os recursos didáticos utilizados na aula e como foram utilizados?

- Quadro de giz: onde as equipes colocaram seus esquemas.

- Ilustração: algumas equipes mostraram gravuras do livro didático.

08. Os alunos se mantiveram interessados? Comente.

Sim. Os alunos assistiram com atenção a apresentação.

09. Existiu problemas de indisciplina? Como foram tratados?

Sim. Um aluno gritou com uma colega a professora colocou ele para fora da classe.

10. Os objetivos propostos pelo professor no início da aula, foram atingidos? Comente.

Sim. Os alunos, as equipes apesar de algumas dificuldades (timidez, fala baixa...) conseguiram apresentar o conteúdo com uma certa lógica.

11. Que tipos de estímulos foram utilizados pelo professor durante a aula, para motivar a turma?

- Quem utilizou os estímulos foi a equipe que apresentou o trabalho sobre a origem de Roma quando apresentou gravuras.

12. Comente a preocupação do professor com:

a) desenvolvimento da reflexão do aluno?

A professora pedia para as equipes apresentarem o que entenderam do texto e não o que o autor falava.

b) formação de hábitos e atitudes?

Não percebemos a preocupação da professora na formação de hábitos e atitudes.

c) desenvolvimento de habilidades?

A professora ensinou os alunos a organizar o conteúdo no quadro de giz.

13. Que outras apreciações gostaria de fazer?

Para que os trabalhos fossem melhor apresentados necessitava de mais tempo durante as apresentações, pois foram 45m. para três equipes de 5 pessoas exporem os trabalhos.

Campina Grande, 07 de novembro de 1994.

Rilma Suely de Sousa Melo

Aluna Estagiária

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

FICHA DE OBSERVAÇÃO DE AULA PARA ESTAGIÁRIO

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

NOME DO ESTAGIÁRIO: Rilma Suely de Sousa Melo

CURSO: Licenciatura Plena em História

COLÉGIO DO ESTÁGIO: Escola Estadual de 2o. Grau

Elpídio de Almeida

NOME DO PROFESSOR: Josélia Ramos

GRAU: 2o. Série: 2o Ano E - Disciplina: História Geral

PERÍODO: Data 07/11/94 - Duração: 45m.

2. ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO:

01. O professor explicitou para a turma os objetivos da aula  
Quais.

Sim. Compreender que foi com as invasões bárbaras que o  
Império Romano caiu e surgiu o feudalismo.

02. Qual o assunto desenvolvido na aula?

Invasões bárbaras e feudalismo

03. De que forma os alunos participaram da aula:

Lendo o texto e perguntando

04. Houve uma distribuição racional do tempo?

Sim. Apresentação do assunto, leitura de uma parte do texto.

05. Durante a aula qual o tipo de relacionamento mantido pelo professor com os alunos:

Cordial, amistoso.

06. Quais estratégias de aprendizagem o professor utilizou durante a aula?

Aula expositiva.

07. Quais os recursos didáticos utilizados na aula e como foram utilizados?

Texto mimeografado: que ia sendo lido e explicado pela professora

Quadro de giz: onde a professora colocava os tópicos principais do texto.

08. Os alunos se mantiveram interessados? Comente.

Alguns sim, outros não. Alguns alunos liam o texto acompanhando a professora outros dormiam e conversavam com colegas.

09. Existiu problemas de indisciplina? Como foram tratados?

Não.

10. Os objetivos propostos pelo professor no início da aula, foram atingidos? Comente.

Não dar para saber, pois, só foi explicado, a metade do texto, pois o mesmo era longo (ver o texto após esta ficha de observação). Daí, não deu para perceber se houve apreensão do conteúdo e se os objetivos foram alcançados.

11. Que tipos de estímulos foram utilizados pelo professor durante a aula, para motivar a turma?

Questionamentos.

12. Comente a preocupação do professor com:

a) desenvolvimento da reflexão do aluno?

A professora não se preocupou com isso, apenas fez algumas perguntas diretas que não precisava refletir muito para responder.

b) formação de hábitos e atitudes?

A professora não se preocupou com isto.

c) desenvolvimento de habilidades?

Também não verificamos a preocupação com este fato.

13. Que outras apreciações gostaria de fazer?

Apenas gostaríamos de ressaltar que a aula poderia ser melhor se a professora não adotasse um texto tão longo, pois a aula se tornou cansativa.

Campina Grande, 07 de novembro de 1994.

Rilma Suely de Sousa Melo

Aluna Estagiária

## A IDADE MÉDIA: INVASÕES BÁRBARAS E FEUDALISMO

### 1. O PERÍODO MEDIEVAL EUROPEU

Enfraquecido por contradições internas, o Império Romano do Ocidente sofreu, ao longo do século V, ataques frequentes aos seus domínios promovidos pelos povos bárbaros. Do confronto desses povos invasores com a civilização romana / decadente surgiu o desenvolvimento de uma nova estruturação da vida social, política e econômica. O conjunto dessas / transformações profundas que ocorreram na sociedade ocidental corresponde ao Período Medieval europeu. Tradicionalmente, esse período costuma ser dividido em duas grandes etapas.

+Alta Idade Média (século V a século X): caracterizada basicamente, pela desagregação da sociedade antiga e pela formação do sistema feudal;

+Baixa Idade Média (século XI a século XV): caracterizada basicamente, pela dissolução do sistema feudal e pela formação do sistema capitalista.

Neste capítulo estudaremos dois temas fundamentais da Alta Idade Média: as invasões bárbaras e a caracterização do sistema feudal.

### 2. AS INVASÕES BÁRBARAS

O que devemos entender, historicamente, pelo termo bárbaro? Os gregos, primeiramente, e, depois, os romanos chamavam os bárbaros todos os povos que viviam além dos domínios de sua civilização e se mostravam avessos a sua cultura. Em relação a Roma, bárbaro era o povo que não se submetia ao império, que falava língua diversa do grego e do latim e / que adotava sistema de normas jurídicas não pertencentes ao Direito romano.

#### CARACTERÍSTICAS DO POVOS GERMÂNICOS

##### Estrutura político-social

Os povos germanicos não estavam organizados socialmente / em Estados, mas em comunidades tribais.

A estrutura social básica era a família monogâmica, cujo poder absoluto era confiado ao pai. Depois, vinham os clãs, compostos pelas reuniões de famílias aparentadas, com ascendentes comuns. Finalmente, vinham as tribos, formadas pelo agrupamento de vários clãs. O órgão público mais importante de cada tribo era a Assembleia de Guerreiros, que deliberava sobre assuntos como a declaração de guerra ou de paz, a libertação de prisioneiros, os crimes de traição e a expulsão de membros da tribo.

Nas tribos germanicas, os chefes (reis) exerciam funções / religiosas, militares e judiciais. Embora sua autoridade se submetesse a Assembleia, esses chefes assumiam poderes quase absolutos em tempos de guerra. Além disso, tinham o direito de manter uma tropa pessoal (séquito), composta de experientes e fiéis guerreiros, que se tornou, com o tempo / cada vez mais numerosa.

A partir do século I de nossa era, podem-se distinguir / nessa sociedade quatro classes sociais:

- + nobreza: ocupava pontos de direção na tribo;
- + homens livres: classe composta pelos guerreiros potadores de armas e com direito de expressar suas idéias nas assembleias;
- + homens semilivres: classe constituída por membros de populações vencidas em guerra, excluídas do povo livre pelo fato de não pertencerem aos clãs tribais;
- + escravos: formados por prisioneiros de guerra, por filhos de escravos e por devedores insolventes.

### ESTRUTURA ECONÔMICA

Entre as principais atividades econômicas, destacavam-se a agricultura (trigo, cevada, centeio, legumes etc) e o pastoreio (bois, carneiros). A princípio, a propriedade de terra pertencia a todo o clã, sendo que seus membros tinham o direito de usufruir de determinadas áreas. Entretanto, em função das necessidades coletivas, os bosques, os pastos e a água eram explorados de forma comunitária. Era considerada propriedade individual apenas a casa familiar, pois representava o templo dos deuses domésticos e o lugar de veneração aos antepassados.

Embora com produção modesta, os germanos dedicavam-se à indústria metalúrgica, fabricando belas e eficientes armas metálicas (lanças, longas espadas, machados). Produziam, também, objetos cerâmicos e peças de ourivesaria de grande valor.

### 3. A FEUDALIZAÇÃO EUROPEIA

No processo de feudalização europeia, fundiram-se elementos de origem romana e germânica. Entre esses elementos, podemos destacar os seguintes:

#### ELEMENTOS ROMANOS

- + O colonato: sistema de trabalho servil que se desenvolveu com a decadência do império. Escravos e plebeus empobrecidos passaram a trabalhar como colonos em terras de um grande senhor. O grande proprietário oferecia terra e proteção ao seu colono, recebendo, deste, um rendimento de seu trabalho. As cidades começavam a perder importância, enquanto, por outro lado, desenvolviam-se as vilas, que constituíam unidades econômicas do mundo rural, com uma produção agropastorial destinada ao auto consumo.
- + Fragmentação do poder político: no final do período imperial, a administração romana já não tinha condições de impor sua autoridade em todas as regiões do império. Com o enfraquecimento do poder central, os grandes proprietários de terra foram adquirindo crescentes poderes locais.

#### ELEMENTOS GERMÂNICOS

- + Economia agropastoril: a base da economia germânica era a agricultura e a criação de animais. Não havia a preocupação de se produzir mercadorias para o comércio.
- + Comitatus: instituição social que estabelecia laços de fidelidade unindo o chefe militar e seus guerreiros.
- + Beneficium: os chefes militares germanicos costumavam recompensar os esforços de seus guerreiros, oferecendo-lhes possessões de terras denominadas beneficium.

Em troca da possessão recebida, o Beneficiário deveria oferecer, ao seu senhor, fidelidade, trabalho e ajuda.

Analisando as características do sistema feudal, percebemos claramente a combinação desses elementos romanos e germânicos. Vejamos, então, quais eram as características básicas do feudalismo, a nível de estrutura política, econômica e social:

- + Estrutura política: o poder político sofreu um processo / de descentralização, espalhando-se pelas mãos dos grandes proprietários de terra (senhores feudais), cujas propriedades eram denominadas feudos.
- + Estrutura econômica: o intercâmbio comercial sofreu grande retrocesso, enquanto a economia começou a concentrar-se nas atividades agrárias e pastoris. O artesanato urbano retraiu-se, cedendo lugar a uma produção doméstica feita pelas próprias mulheres.
- + Estrutura social: formaram-se estamentos sociais (nobreza, clero e servos) que se transmitiam hereditariamente. As / relações sociais eram firmadas por meio de laços de dependência e de dominação pessoal (vassalagem). Esses laços / uniam homens de diferentes estamentos sociais, estabelecendo relações hierárquicas desde o pico da sociedade (reis e grandes senhores) até à base da sociedade (camponeses presos à terra).

#### OS ESTAMENTOS DA SOCIEDADE FEUDAL

Na sociedade feudal praticamente não existia mobilidade social. Presas a uma estrutura rígida e estática, as pessoas eram agrupadas em estamentos, permanecendo por toda a vida numa determinada posição social. Vejamos os três elementos básicos da sociedade feudal:

- + Nobreza: constituída pelos proprietários de terra, que se dedicavam essencialmente às atividades militares e administrativas. Cada nobre deveria custear seu próprio equipamento e zelar pela manutenção de sua tropa de guerreiros. Em tempos de paz, as atividades favoritas da nobreza eram a caça e os violentos torneios esportivos.
- + Clero: constituído pelos membros da Igreja Católica, destacando-se o alto clero (bispos, abades e cardeais). Desfrutando de seu prestígio social, o alto clero dirigia a Igreja, administrava suas propriedades e exercia grande / influência política;
- + Servos: constituída pela maioria da população camponesa. Eram conhecidos como servos da gleba aqueles que estavam diretamente ligados à terra dos senhores feudais, cumprindo-lhes uma série de obrigações servis.

Além desses três elementos básicos, encontramos na sociedade feudal um reduzido número de escravos e uma população urbana, constituída por pequenos mercadores e por artesãos que se dedicavam a um pequeno comércio local de trocas. A influência social dessa população urbana não / foi suficiente para alterar a estrutura estática do feudalismo, firmadas nas relações de dominação entre senhor e servo.

#### AS OBRIGAÇÕES SERVIS

Eram numerosas as obrigações que os servos deviam aos seus senhores e que caracterizavam as relações servis de produção, típicas do sistema feudal.

Por meio das relações servis, o servo era explorado em seu trabalho, pois além de trabalhar para o seu próprio sustento era obrigado a produzir um excedente econômico, destinado a atender as necessidades do senhor feudal.

Vejam, a seguir, os três principais grupos de obrigações impostas aos servos pelos senhores:

+ Corvéias: Eram a obrigação do servo de trabalhar, gratuitamente, alguns dias por semana, nas terras exclusivas do senhor feudal. O trabalho obrigatório e gratuito do servo podia ser empregado na realização de diversos serviços: / agricultura, construção de estradas, edificação de fortificações etc.

Retribuições: Compreendiam diversos tipos de obrigações / servis, que podiam ser pagas em dinheiro ou em bens. Entre as retribuições podemos citar:

- Capitação: imposto pessoal dos servos pago por cabeça;
- Talha: Obrigação de entregar parte da produção agrícola ao senhor;
- Banalidades: representadas, basicamente, pelo pagamento que o servo devia ao senhor pela utilização de equipamentos e instalações do feudo.

Por exemplo: se o servo utilizasse o celeiro para guardar o trigo ou o forno para fazer o pão, devia pagar o uso / dessas instalações com a décima parte (dízimo) de sua produção.

+ Prestações: consistiam na obrigação do servo de hospedar o senhor, quando esse viajasse pelos seus domínios territoriais. O dever de hospitalidade incluía, evidentemente, o fornecimento de moradia e alimentação ao senhor, durante o tempo de sua viagem.

#### O uso da força e da ideologia a serviço do poder

Para se impor e ser preservado, todo o sistema social de exploração precisa, em última instância, ser garantido pela existência de uma força física e econômica colocada a serviço dos exploradores. Assim, durante o feudalismo, as relações servis de exploração não fugiam a essa regra geral: os nobres feudais detinham a força militar, que poderia ser acionada, sempre que necessário, para conter as / rebeliões dos servos. Entretanto, seria muito desgastante para qualquer sistema social explorador ter que utilizar permanentemente de força física para se impor sobre as / classes exploradas. Então, com a mesma intensidade com / que exploram, esses sistemas sociais geram um conjunto de idéias e de doutrinas que são utilizadas para "convencer"

os explorados de que eles vivem dentro de um regime social aceitável, natural e justo. A esse conjunto de idéias e de doutrinas utilizadas para justificar e fortalecer o sistema social explorador, dá-se o nome de ideologia das classes dominantes. Ao longo da História, toda classe dominante constrói uma ideologia, cujo objetivo final é preservar o sistema social do qual eles se beneficiam.

Durante o predomínio do sistema-feudal, a Igreja Católica era a principal instituição que veiculava a ideologia / das classes dominantes, no caso, os senhores feudais.

Na qualidade de grande proprietária de terras na Europa Ocidental, a Igreja estava diretamente interessada na defesa das relações servis. Por isso, pregava que a existência de senhores e de servos era absolutamente normal dentro de uma sociedade cristã e que os servos deviam obedecer a seus senhores. A infidelidade e a rebeldia eram pecados mortais. As palavras de um arcebispo francês da cidade de Reims demonstram essa posição da Igreja: "Servos, vos deveis em todos os momentos ser submissos a vossos senhores". E não procureis, como desculpa para a desobediência, apontar que tal senhor é impiedoso ou avarentos. A Igreja condena a desobediência e a rebeldia de modo geral. Assim, permaneci submissos não somente aos senhores bons e moderados, mas também aos que não o são."

### O PODER POLÍTICO

Na sociedade feudal encontramos uma fragmentação do poder político entre os grandes proprietários de terra. Entretanto, a união social era garantida através dos laços de vassalagem. Nessa relação, encontramos, de um lado, o suserano (proprietário que concedia feudos a seus protegidos) e, de outro lado, o vassalo (pessoa que recebia feudos do suserano, dedicando-lhe fidelidade).

Entre suseranos e vassalos estabelecia-se um contrato de vassalagem, que tinha início com a transmissão do feudo e compreendia dois atos solenes:

- + Homenagem: consistia no juramento solene de fidelidade do vassalo perante seu suserano;
- + Investidura: consistia na entrega do feudo feita pelo suserano ao vassalo.

Uma série de direitos e de deveres competia a suseranos e vassalos. Vejamos alguns:

- + Suseranos: proteger militarmente seus vassalos, prestar assistência judiciária aos vassalos, receber o feudo do vassalo, caso ele morresse sem deixar herdeiros, proibir casamentos entre seus vassalos e pessoas que não lhe fossem fiéis.
- + Vassalos: prestar serviço militar, durante certo tempo, a seu suserano, libertar o suserano, caso ele fosse aprisionado, comparecer ao tribunal presidido pelo suserano, toda vez que fosse convocado.

É preciso esclarecer que as estruturas feudais acima descritas não se instalaram em toda parte de modo uniforme. É certo que existia, em diversas regiões, uma série de traços comuns com o esquema "clássico" do feudalismo, como as relações de vassalagem ou de dependência pessoal, a ligação entre o poder local e a grande propriedade de terra. Entretanto, também são muitas as diferenças regionais, as particularidades importantes que devem ser pesquisadas num aprofundamento do estudo.

### CARACTERÍSTICAS ECONÔMICAS

O feudo era uma das principais unidades produtoras da economia feudal, tendo um caráter auto-suficiente. Isto é, procurava produzir praticamente tudo o que necessitava em termos de consumo: cereais, carnes, leite, roupas e utensílios domésticos.

## ANEXO 2

ESCOLA ESTADUAL DE 2o. GRAU ELPÍDIO DE ALMEIDA

DISCIPLINA: HISTÓRIA GERAL

ESTAGIÁRIA: RILKA SUELY DE SOUSA MELO

CURSO: CIENTÍFICO - SÉRIE: 2o. ANO - TURMA: TARDE

DATA: 25/11/94 - HORÁRIO: 13:00 - DURAÇÃO: 45MIN.

### PLANO DE AULA

#### I - OBJETIVOS:

- Entender a origem e evolução do conceito de "barbárie".
- Compreender a especificidade histórica dos povos ditos "bárbaros" (os germânicos).

#### II - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

- 1 - Os Germânicos
  - 1.1. "Bárbaros" X "Civilizados"
  - 1.2. Origem e Localização dos Bárbaros"
  - 1.3. Como viviam os germânicos?

#### III - PROCEDIMENTOS (MODOS OPERACIONAIS)

- Aula expositiva dialogada e ilustrada

#### IV - RECURSOS DIDÁTICOS

- Quadro de giz, texto mimeografado, mapas e história em quadrinhos

V - AVALIAÇÃO:

A avaliação constará de um exercício de fixação.

VI - BIBLIOGRAFIA

AQUINO, Rubem Santos Leão de. Et. alii. História das Sociedades (das comunidades primitivas às sociedades modernas), Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1980.

CACERES, Florival e PEDRO, Antônio. História Geral, São Paulo: Moderna, 19789.

GUERRAS, Maria Sónsales. Os povos bárbaros, São Paulo, Ática, 1987.

PERROY, Eduuaard (Org.) III. A Idade Média, In: História Geral das Civilizações, São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1974.

HAGAR

DIK BROWNE



HAGAR

DIK BROWNE



HAGAR

DIK BROWNE



Os reinos germânicos no século VI.

TEXTO: OS POVOS "BÁRBAROS": OS GERMÂNICOS

I - INTRODUÇÃO:

O estudo dos "povos bárbaros" exige certas considerações iniciais. A primeira é definir o conceito, e suas implicações, inseridas no contexto histórico.

O conceito de "bárbaro", é uma herança grega. Segundo Heródoto, os egípcios chamavam de "bárbaros" todos os que falavam uma língua diferente da sua. Em grego, "bárbaro" designava inicialmente "aquele que possuía uma língua incompreensível", que não compartilhava nem os costumes, nem a "civilização" dos helenos.

Esta concepção foi adotada pelos romanos em relação aos povos estabelecidos para de suas fronteiras, sejam os Estados estruturados na Ásia ou população "menos organizadas" na África e Europa, contra os quais era necessário se defender. Assim, "bárbaros" compreendiam os estrangeiros, os não-assimilados, os outros.

Como os romanos consideravam-se "civilizados", ou seja, partidário de uma cultura superior e de uma organização social complexa (estavam organizados em Estados, falavam latim, conheciam a matemática ...) e, por não aceitarem a forma de vida primitiva, das populações vizinhas passaram a defini-los de "bárbaros", de incultos, selvagens, brutos ou grosseiros. Assim, a noção de "bárbaros" e "civilizados" são conceitos complementares que servem para classificar povos distintos. Os "civilizados" se viam como superiores, ao "olhar" para o "estrangeiro", geralmente não o considerava em seu conjunto, como uma entidade coerente, assim, o classificou de "bárbaro", o diferente, equivalendo-o à gente de nível cultural inferior.

O conceito de "bárbaro" nada mais é do que (pré)conceito, ou seja, um conceito que foi estabelecido antes que se conhecesse como funcionava a organização social de outros povos.

Esse sentido pejorativo foi difundido até os dias de hoje, servindo para definir pessoas consideradas culturalmente inferiores ou portadores de hábitos não "civilizados", tais como falar alto, ser violento.

Foram também chamados de "bárbaros", os povos que invadiram o Império Romano, os germânicos, porém, os povos "bárbaros" não se restringem apenas a estes, pois durante o período medieval, populações que migraram de outras regiões, tais como: eslavos, escandinavos, árabes, mouros, mongóis e turcos, também o foram.

Em vista da amplitude do tema, optamos estudar os germânicos devido à sua importância na formação da sociedade europeia.

Era comum os "bárbaros" germânicos serem estudados apenas em função de sua relação antagônica com o Império Romano (já que foram responsabilizados pela queda de tal sociedade) e não vistos em sua individualidade, como portadores de uma cultura própria.

Tentaremos neste texto enfocar o cotidiano dos germânicos à partir das descrições da obra "Germânia" de Tácito (oficial romano que ao entrar em contato com estes povos relatou diversos aspectos dos mesmos).

II - ORIGEM E LOCALIZAÇÃO

Os "bárbaros" germânicos estavam localizados numa região conhecida, em 320 A.C. por Germânia. Esta situava-se a leste do rio Reno e do rio Danúbio, onde habitavam diversas tribos (alamancos, borgúndios, vândalos, ostrogodos, visigodos, saxões e etc).

A origem dos germânicos é incerta, mas alguns estudiosos alemães acreditam que estes tinham vindo da região conhecida, hoje, por Rússia Oriental.

Eram povos semi-nômades que migrando de região em região che

eram até os limites do Império Romano. No período estudado por Tácito, século I, estes praticavam a agricultura, domesticavam animais, usavam metais e tinham noções de propriedade... Devido os contatos com outros povos - a exemplo dos romanos - tornaram-se comerciantes.

### III - COMO VIVIAM OS GERMÂNICOS ?

Os germânicos não tinham um Estado organizado, constituíam "nações" divididos em tribos. Sua vida social estava centrada na comunidade, no clã, e, enfim, na família. Dentro desta o pai exercia autoridade absoluta sobre a esposa e filhos. A mulher, apesar de ser socialmente inferior ao homem, participava intensamente da vida do mesmo, auxiliando no fabrico de armas, aconselhando, ajudando nas orações cotidianas. Os filhos encontravam-se subordinados ao pai e a mãe, mas o pai era encarregado de sua educação. Todos trabalhavam para o sustento da família; no dia-a-dia se mantinham ocupados com tarefas domésticas, cultivo da terra, criação de animais. Entretanto, só os homens se tornavam guerreiros. Aos quinze anos eram armados e treinados pelo seu progenitor para integrarem o "exército".

Por ser um povo guerreiro o caráter militar era o traço típico desta sociedade; a divisão social derivava disso. O elemento principal era os homens livres, os guerreiros. Estes constituíam o topo, da pirâmide social, além de portarem armas, tinham o direito de expor nas assembleias periódicas suas opiniões. O guerreiro deveria está sempre preparado para o ataque, assim, fabricavam suas armas (lanças, espadas longas, machados) cotidianamente, o que possibilitou grande desenvolvimento na metalurgia. O exército era organizado imediatamente caso fosse preciso, todos os homens livres eram chamados e aqueles em condições de combater, equipar-se, e alimentar-se dele fazia parte. Existia subdivisões dentro do exército. Abaixo estava o séquito formado por chefes das tribos que congregavam grupos de jovens. Os mesmos formavam um grupo de homens a serviço das guerras, isso provocou o enriquecimento deles e favoreceu sua transformação em proprietários. Deste setor, surgiu um grupo político dirigente, uma espécie de principado, cuja autoridade baseava-se no prestígio religioso e seu poder derivava de assembleias. Uma vez por ano as tribos se reuniam em um lugar sagrado e discutiam eleições do chefe, suas funções, como emprender guerra ou julgar contendas entre tribos. Em tempo de guerra, os chefes tinham um poder absoluto; em tempo de paz, sua autoridade baseava-se no número de subordinados que comandava. Foi justamente o esforço de obter influências na direção dos grupos, ou ter mais "súditos" que havia rivalidade entre chefes dos clãs.

Abaixo existiam os escravos que eram aprisionados em guerras, trabalhando na agricultura, caça, etc.

Em situação intermediária se encontravam os semi-livres, escravos que conquistavam a simpatia de seus donos, mas, que jamais seriam guerreiros, pois somente o fato de pertencerem a um clã dava ao germânico a possibilidade de ser livre.

Os rituais religiosos ocorriam em locais sagrados ( bosques, picos de montanhas ...) ou em certas datas ( lua nova ...) Ao se reunirem para agradecer aos Deuses, pedir boas colheitas, prever guerras...; praticavam sacrifícios de animais e as vezes faziam procissões com carros de combate. Eles não tinham uma casta sacerdotal, mas alguns presidiam os rituais, os chefes das famílias dirigiam os sacrifícios domésticos. As mulheres tinham um papel de destaque como profetisas, tanto estas como os chefes conheciam o caráter secreto das runas (estruturas germânicas), os sinais religiosos eram gravados em madeira, armas, jóias ou pedras. Desse modo, a sua produção artística estava ligada a seu espírito religioso e guerreiro, pois cada tribo tinha sua saga, espécie de lenda em que fazia uma recordação gloriosa do passado. No centro da epopéia ressaltava-se o herói, as vezes guerreiros ou descendente de um personagem divino.

Quando aconteciam as festas sociais (casamentos, festejar vitórias em guerra), os cantores improvisavam poemas épicos em honra aos heróis germânicos.

Fabricavam objetos sagrados, tais como: adornos, estatuetas, vestimentas... que eram usados em festas religiosas. Muitos desses objetos eram feitos de ouro, a exemplo da representação de seus deuses. As principais figuras divinas eram: Watan ( preside o comércio), Tiwaz (dirige o céu e as assembleias), Nerthus (deusa da fecundidade) e Freya (divindade do amor e fogo).

Acreditavam em numerosos seres invisíveis, uns de espíritos malignos como Loki que teria criado a face má do homem, uns de espírito bondoso como Buri que criou a bondade humana.

A religião germânica apresentava quatro elementos fundamentais o caráter escatológico (tudo tem origem e fim), o pensamento fatalista (tudo era prescrito pelos deuses), crença em uma vida após a morte; espírito Bêlico (privilegia os sentimentos de honra e fidelidade) e os guerreiros que tivessem tais pré-requisitos quando mortos iriam viver com os deuses).

Devido a heterogeneidade dos povos germânicos, sua vida econômica era muito diversa, segundo, a região. Os saxões e frísios, habitantes das planícies unidas praticavam a pecuária bovina; os habitantes de bosques cultivavam a agricultura; os das estepes criavam cavalos; outros praticavam a caça e a pesca. Porém, todos eram guerreiros, as guerras aconteciam frequentemente com o objetivo de conquistar novas terras e também obter mão-de-obra escrava. Suas técnicas de trabalho eram rudimentares, esgotavam as terras e partiam em busca de novos lugares para se fixarem. Foi através destas migrações que chegaram até os limites do Império Romano.

Apesar da existência da propriedade individual (apenas homens livres possuíam a terra), a exploração era sempre coletiva. Cada tribo cultivava seu pedaço de terra, que era tudo para eles, pois dela tiravam os meios de subsistência como também materiais para habitação (carro ou madeira); vestimentas; artesanatos em cerâmica; metais para as armas.

Um ramo muito desenvolvido por eles foi o das atividades comerciais, pois em suas andanças comercializavam com os povos nórdicos e com os romanos, sendo o padrão de troca o gado ou as barras de metal precioso.

#### IV - CONCLUSÃO:

Os "bárbaros" germânicos tinham sua própria organização social, os hábitos, comportamentos, valores, costumes o que diferenciavam da "civilização" Romana e por isso se chocaram e foram classificados de "bárbaros". Entretanto, podemos dizer que se aos olhos dos romanos eram violentos, brutos, incultos, selvagens ou grosseiros, mas aos seus próprios olhos suas atitudes eram muito naturais.

#### V - BIBLIOGRAFIA:

GUERRAS, Maria Sensales. Os Povos Bárbaros, São Paulo: Ática, 1967.

PERROY, Edouard (org). III A Idade Média, IN: História Geral das Civilizações, São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1974.

CACERES, Florival e PEDRO, Antonio IN: História Geral, São Paulo: Moderna, 1976.

AQUINO, Rubim Santos Leão de, et alli. História das Sociedades (das comunidades primitivas às sociedades medievais) Rio de Janeiro: Livros Técnicos, 1960.

#### EXERCÍCIO DE FIXAÇÃO

1. O personagem "Hagar" representa o (pré) conceito que se constituiu sobre os povos "bárbaros", neste, historicamente como isso ocorreu.
2. Comente a afirmação "os germânicos não tinham Estado, sua organização social estava centrada na comunidade".
3. Com base na leitura do texto "os povos "bárbaros": os germânicos", mostre como suas práticas militares influenciaram na religião, o comércio, arte e práticas políticas.

## ANEXO 3

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA - CAMPUS II

CENTRO DE HUMANIDADES

CURSO: HISTÓRIA

DISCIPLINA: HISTÓRIA GERAL

ESTAGIÁRIA: RILMA SUELY DE SOUSA MELO

PROFESSOR-ORIENTADOR: CELSO G. DO NASCIMENTO

TURMA: PILOTO - DATA: 12/12/94 - DURAÇÃO 45MIN.

### PLANO DE AULA

#### I - OBJETIVOS:

- Analisar criticamente os primeiros contatos entre germânicos e romanos, a crise interna germânica e romanos, a crise interna do Império Romano e as grandes invasões bárbaras" do século V.

- compreender que a partir da fusão da civilização romana e da sociedade "bárbara" surge o feudalismo.

#### II - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

1 - As Invasões "bárbaras":

1.1. Os primeiros contatos entre germânicos e romanos

1.2. A crise interna de Roma.

1.3. As grandes invasões germânicas do século V

1.4.. As consequências das Invasões.

III - PROCEDIMENTOS (Modos Operacionais)

- Aula expositiva dialogada e ilustrada.

IV - RECURSOS DIDÁTICOS

Quadro de giz, texto mimeografado e mapa.

V - AVALIAÇÃO

A avaliação constará de um resumo do texto distribuído.

VI - BIBLIOGRAFIA

GUERRAS, Maria Sonzaes. Os povos bárbaros, São Paulo: Ática, 1987.

MARRONE, Gilbert Tibério e FRANCO Júnior, Hilário. História Geral I, In: Sistema Anglo de Ensino, São Paulo, "Ave Maria", 1984-85

PERROY, Edanard (Org.) III A Idade Média, IN: História Geral das Civilizações, São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1974.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA  
CURSO: HISTÓRIA  
ESTAGIÁRIA: RILMA SUELY DE SOUZA MELO  
PROFESSOR-ORIENTADOR: CELSO DO NASCIMENTO  
TURMA: PILOTO  
CURSO PARA VESTIBULAR

## TEXTO 2: AS INVASÕES "BÁRBARAS".

### 1. INTRODUÇÃO:

As invasões bárbaras do século V marca o fim do processo de desagregação do Império Romano e o surgimento da sociedade feudal, fruto da fusão de ambos.

### 2. OS PRIMEIROS CONTATOS ENTRE GERMÂNICOS E ROMANOS E A CRISE INTERNA DE ROMA.

Os "bárbaros", por serem nômades, chegaram até os limites do Império Romano. O encontro entre estas sociedades diferentes, nem sempre foi conflituosa, pois, se para algumas tribos germânicas a atitude a ser tomada em relação aos romanos era de enfrentamento (queriam ocupar tal território), outras tribos estabeleceram boas relações com Roma. Através de acordos comerciais, eles trocavam mercadorias. Porém, a pressão germânica no Império se intensificou a partir do século I d.C. Então, a política Romana de Augusto em relação aos germânicos, optando em fazer um acordo, onde foi delimitado uma fronteira o rio Reno e Danúbio, serviu como limites naturais, foi estabelecido o LIMES. Esta muralha não era contínua, mas um amplo caminho, com intervalos onde foram construídas torres de madeira com uma guarnição para vigiar os germânicos. Atrás dela estabeleceram-se os acampamentos. No princípio, era essencialmente mercados nos quais os germânicos levavam seus produtos (âmbar, trigo, madeira e peles) para trocar por outros romanos.

Em meados do século II, devido a falta de pessoal para o exército, Roma teve a necessidade de contratar exércitos "bárbaros". A penetração dos "bárbaros" no exército imperial verificou-se inicialmente de forma esporádica e em geral, eram recrutados entre os povos das margens do Reno, para o destacamento de cavalaria durante uma campanha. Em outra fase, formaram povos recrutados por tratados de forma permanente, mas, não integrados dentro das legiões, cada unidade de sendo constituída por um povo "bárbaro".

Com o tempo Roma precisou de mão de obra para a agricultura, iniciando um processo de colonização das zonas de fronteiras, com estabelecimento de pequenos arrendatários germânicos.

A necessidade de soldados e de mão de obra por parte de Roma acarretou uma infiltração pacífica dos germanos no Império. Com também era uma amostra que o Império não iabem. De fato; a partir do século II d.C. Assistimos ao declínio do mundo romano. O Império era muito extenso, dificultando a administração, as tarefas que antes competiam às municipalidades, agora passam a competir aos órgãos públicos que tinham a frente funcionários corruptos na exigência de impostos, sendo que os romanos procuravam a todo custo não pagá-los, os pobres através da fuga ou pela revolta e, os ricos, usando influências para obter isenções regulares.

Tal insubmissão manifesta se no domínio militar, os homens esquivam-se em servir ao exército, levando o estado a contratar mercenários "bárbaros". No final do século IV os altos postos do exército estava nas mãos dos estrangeiros.

Tal crise, igualmente acontecia no comércio e nas cidades. No Ocidente houve um subto da produção agrícola onde a atividade comercial foi implantada artificialmente, pois dependia do Oriente e, com o tempo os senhores do comércio passa a vender mais do que comprar. Estas trocas esgotaram as reservas de moedas, a escassez do ouro e a penúria dos meios de pagamento arrasavam com o comércio e por conseguinte provocaram a decadência das cidades.

Com a expansão do cristianismo, entre as classes pobres as manifestações culturais passam a refletir novos valores, tais como: teocentrismo e pacifismo.

## AS GRANDES INVASÕES GERMÂNICAS DO SÉCULO V.

A política defensiva do LÍMES começou a mostrar-se falha com a chegada cada vez mais de povos "bárbaros" aos limites do Império Romano. Os hunos começam a fazer pressão sobre os povos germânicos, este por sua vez penetram com mais intensidade e regularidade no território romano. Logo, a penetração dos "bárbaros" ostrogodos, visigodos etc. foi caracterizando-se por invasão, pois os grupos germânicos acabaram por se revelar contra as condições impostas por Roma para que ocupassem seus territórios, como por exemplo elevadas quantidades de ouro.

Não havia uma campanha sistemática para o aniquilamento do Império, porém pela própria necessidade de sobrevivência e pela debilidade da civilização romana, os "bárbaros" foram ganhando cada vez mais espaço e invadiram muitas regiões romanas, tais como: a Gália, os Pirineus, Vale do Ebro etc, até que as tribos "bárbaras" tivessem conquistado boa parte das regiões do Império, culminando com o saque de Roma em 410 pelos visigodos. Tal acontecimento teve repercussões em todo o mundo romano. Era o fim. O Império foi capaz de expulsar de seus territórios os povos "bárbaros", que haviam se instalado como "hóspedes", surgindo assim, a fusão da sociedade romana com as sociedades "bárbaras", dando origem ao sistema feudal.

### 3. CONCLUSÃO:

As invasões "bárbaras" são fundamentais para a história européia, ao propiciar o surgimento do feudalismo. A unidade do Estado Romano foi substituída pela pluralidade de reinos; a concepção do direito escrito romano foi substituída por séculos pela adoção do direito costumeiro germânico (transmitido oralmente), cada uma passou a ser julgado em seu território, segundo as leis de seu povo, sendo que a ideia de justiça estava ligada à vontade divina, os julgamentos representavam apenas o reconhecimento daquela vontade através de provas físicas; a ideia de obrigações recíprocas entre senhores e subordinados tornou-se fundamental no feudalismo; a economia natural (subsistência ou autônoma) que predominou no feudalismo é de origem "bárbara", sendo atividade comercial secundária; e, por fim, o nascimento, séculos depois, das línguas neo-latinas foi resultado da influência germânica sobre o latim.

Portanto, as invasões germânicas e a crise interna do Império Romano foram as causas do declínio da civilização clássica. Porém, tais invasões não significou uma ruptura total, pois da associação de elementos "bárbaros" com elementos clássicos surgiu o feudalismo, logo, os "bárbaros" não destruíram, mas criaram um mundo novo.

### 4. BIBLIOGRAFIA:

GUERRAS, Maria Sossales. Os Povos Bárbaros. São Paulo: Ática, 1987.

MARONE, Gilbert Tibério e FRANCO JÚNIOR, Hilário. História Geral I. In: Sistema Anglo de Ensino. São Paulo: "Ave Maria", 1984-85.

PERROY, Edouard (org). III "A Idade Média", IN: História Geral das Civilizações. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1974.

Escola Estadual de 2º grau Elpídio de Almeida

Disciplina : História Geral

Estagiária : Rilmá Suelly de Souza Melo

Professor-Orientador: Celso G. do Nascimento

Série : 2º ano científico

Período : Outubro - novembro - Dezembro (4º bimestre)

Plano de Unidade

Unidade	Conteúdo Programático	Objetivos Específicos	H/Aulas	Procedimentos	Recursos	Atividade	Bibliografia
I	1. A civilização Romana 1.1. Origem de Roma 1.2. Período Monárquico 1.3. Período Republicano 1.4. Período Imperial	- Compreender a formação e a evolução histórica da civilização romana	05	- Aula expositiva - método de estudo em grupo.	- Texto - quadro de giz - livro didático	- Através de produção de texto por tema e equipe participativa dos trabalhos e discussões.	I - AQUINO, Rubim Santos Leão de, et alii. A sociedade Romana. In: História das sociedades (das comunidades primitivas às sociedades modernas). Rio de Janeiro: Livros Técnicos, 1980.
	1.0 Exatidismo em Roma. 2. A religião e suas influências 3. A cultura Romana	Identificar a especificidade do exatidismo romano. Destacar a religião e a cultura romana, mostrando suas influências na cultura ocidental	05	- Aula expositiva dialógica e ilustrada. - Exibição de filme.	- Texto - quadro de giz - filme - ilustrações - fotos, retículas, gravuras...	- Prova escrita - Exercício de fixação. - Relatório de filme.	II - AQUINO, Rubim Santos Leão de, et alii. A sociedade Romana. In: História das sociedades (das comunidades primitivas às sociedades modernas). Rio de Janeiro: Livros Técnicos, 1980. - FLORENZANO, Maria Beatriz. O mundo Antigo. Economia e sociedade. São Paulo: Brasiliense, 1980.
	1. Os "bárbaros" 2. As Invasões "bárbaras". 3. Primórdios do feudalismo	- Compreender a especificidade histórica dos povos bárbaros através de seu cotidiano. - Identificar a colonização do Império romano com as invasões "bárbaras". - Analisar os primórdios do feudalismo com a junção da civilização clássica com a sociedade "bárbara".	05	- Trabalho em grupo. - Aula expositiva e ilustrada.	- Texto - mapa - quadro de giz - História em quadros	- Prova escrita. - Resumo de trabalho em grupo.	III - GUERRAS, Maria Sanches. Os povos "bárbaros". São Paulo: Moderna, 1978. - CACERES, Fláudio e PEDRO, Antônio. História Geral. São Paulo: Moderna, 1978. - PERROY, Édouard (org.). A Idade Média. In: História Geral das Civilizações. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1974.
		- Total : - 15 h/aulas					

## ANEXO 5

### PLANO DE CURSO

#### I - DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

ESCOLA ESTADUAL DE 2o GRAU ELPÍDIO DE ALMEIDA

DISCIPLINA: HISTÓRIA GERAL

TURMA: 2o. ANO - TURNO: TARDE

PROFESSORA REGENTE: JOSÉLIA RAMOS

PROFESSOR-ORIENTADOR: CELSO G. DO NASCIMENTO

PROFESSORA-ESTAGIÁRIA: RILMA SUELY DE SOUSA MELO

N. DE ALUNOS DA TURMA: 45

CARGA HORÁRIA ANUAL: 60 HORAS/AULA

CARGA HORÁRIA SEMANAL: 03 HORAS/AULA

ANO LETIVO: 1994.

#### II - DISTRIBUIÇÃO DO TEMPO

- Março - Abril .....	15 horas/aula
- Maio - Junho .....	14 horas/aula
- Agosto -Setembro .....	16 horas/aula
- Outubro/Nov/Dezembro .....	15 horas/aula

#### DISTRIBUIÇÃO DE AULA:

- Aula para apresentação e discussão da disciplina: 02hs/a
- Aulas destinadas a avaliação: 08 horas/aula
- Aulas com margem de segurança: 02 horas/aula

- Aulas destinadas para conteúdo: 48 horas/aula.

TOTAL ..... 60 HORAS/AULA

### III - OBJETIVO GERAL:

No final do curso o aluno deverá fazer uma visão geral e crítica da evolução do homem, e da sociedade, da pré-história até os primórdios do feudalismo, analisando cada período histórico e os fatos nele desencadeados.

Levar o aluno a compreender o processo histórico das sociedades desde da pré-história até os primórdios do feudalismo, identificando os principais aspectos de cada sociedade: Mesopotâmia, Egípcia, Fenícia, Persa, Hebraica, Grega, Romana e "Bárbara".

### V - PROCEDIMENTOS:

Aula expositiva dialogada e ilustrada, trabalho em grupo, estudo dirigido, relatório de filmes exibidos, criação de peças teatrais, exposição de trabalhos na feira de ciências e visita a museus.

### VI - RECURSOS MATERIAIS:

- Quadro de giz, texto mimeografado, livro-texto, mapas, história em quadrinhos, filmes, cartazes, slides, fotos e gravuras.

### VII - AVALIAÇÃO:

O aluno será avaliado através de provas escritas,

relatório de filmes exibidos e das visitas a museus, pesquisa em grupo, apresentação de trabalhos e participação dos alunos nos debates.

#### VIII - BIBLIOGRAFIA:

ALVES, Rubem. Conversa com quem gosta de ensinar, São Paulo: Cortez, 1982.

ANDREOLA, Balduino A. Dinâmica de grupo: jogo da vida e didática do futuro, Petrópolis: Vozes, 1989.

AQUINO, Rubem. Santos Leão de; et alii. História das Sociedades (das comunidades primitivas às sociedades modernas), Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1980.

ANDERSON, Perry. Passagens da Antiguidade ao Feudalismo. Porto Alegre: Afrontamentos, s/d.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é Educação. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BARK, Mullian. Origens da Idade Média, Rio de Janeiro: Zahar, s/d.

COTRIN, Gilbert. História Geral, 7a. ed., São Paulo: Saraíva, Vol. 2, 1992.

CACERES, Florival e PEDRO, Antônio. História Geral, São Paulo: Moderna, 1976.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (Org.). Um Desafio para a Didática: experiência, vivência, pesquisa, São Paulo: Loyola, 1988.

FRORENZANO, Maria Beatriz. O Mundo Antigo: Economia e Sociedade, São Paulo: Brasiliense, 1982.

GUERRAS, Maria Sosaes. Os Povos Bárbaros, São Paulo: Ática, 1987.

MANDONE, Gilert Tibério e FRANCO Júnior, Hilário. História Geral, In: Sistema Anglo de Ensino, São Paulo: "Ave Maria" 1984-85.

NEVES, Maria Aparecida M. Ensinando e Aprendendo História, São Paulo: E.P.U., 1987.

PERROY, Ednard (Org). III A Idade Média, In: História Geral das Civilizações, São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1974.

## ANEXO 6

ESCOLA ESTADUAL DE 2o. GRAU ELPÍDIO DE ALMEIDA

DISCIPLINA: HISTÓRIA GERAL

ESTAGIÁRIA: RILMA SUELY DE SOUSA MELO

CURSO: CIENTÍFICO SÉRIE: 2o. ANO TURNO: TARDE

ALUNA: -----

### AVALIAÇÃO (PROVA)

#### I - ESCOLHA DUAS QUESTÕES, SENDO UMA DE CADA TEXTO

1 - O personagem Hagar representa guerreiro, bruto, selvagem, enculto etc. Mas nem sempre os "bárbaros" foram vistos assim. Mostre como esse (pré-conceito, dirigido aos mesmos, foi construído historicamente.

2 - Sabendo-se que o militarismo era o traço predominante dos germânicos, demonstre como isso pode ser observado na cultural.

3 - A penetração "bárbara" no Império Romano aconteceu de forma gradativa. Como e por que isso ocorreu?

4 - Os "bárbaros" foram acusados, durante muito tempo, de terem destruídos o Império Romano. Você concorda? justifique sua resposta.

5 - O feudalismo é o resultado da fusão da sociedade romana e "bárbara". Aponte alguns elementos "bárbaros" presentes no mesmo.

## ANEXO 7

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA

CENTRO DE HUMANIDADES

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

CURSO: HISTÓRIA

DISCIPLINA: PRÁTICA DE ENSINO DE HISTÓRIA NO 1o. e 2o. GRAUS

PROFESSOR-ORIENTADOR: CELSO GESTEMEIER DO NASCIMENTO

ESTAGIÁRIA: RILMA SUELY DE SOUSA MELO

MATRÍCULA: 9013289-X

### FICHA DE LEITURA

#### 1. COBERTURA EXTERNA DO TEXTO.

CARVALHO, Célia Pezzalo de. "A Prática Escolar, In: Ensino Noturno: realidade e ilusão. 3a. edição, São Paulo: Cortez: autores associados, 1985.

#### 2. ANÁLISE:

##### 2.1. Enfoques Principais

A autora discute no texto os problemas e perspectivas da prática escolar o cotidiano, os conteúdos, o papel do professor, principalmente do ensino noturno. Através de questionários aplicados percebe que nenhum aluno descreveu ordenadamente a

rotina escolar; terceram uma série de comentários, queixas e justificativas tais como: dificuldades em combinar trabalho e escola; dificuldades em apreender a linguagem abstrata da escola; o conteúdo não se associa a realidade; a disciplina da escola é vista ora de forma negativa, ora de forma positiva; a missão do professor é ensinar e etc.

Para a autora a escola está a serviço do sistema capitalista, visto que os professores repassam as ideologias que estão a serviço do capitalismo; não se questiona na escola as contradições da sociedade. A estrutura da escola, a forma que está organizada mostra que sua função é de adequar, disciplinar o indivíduo para viver em sociedade.

No texto os alunos apresentam uma série de sugestões que poderiam melhorar a prática escolar, tais como: regulamento mais felxíveis, associação do conteúdo a realidade, uso de uma linguagem mais clara, relação professor aluno menos assimétrica e etc

Enfim, o texto enfoca alguns aspectos da realidade da escola pública no Brasil, mostrando também a possibilidade e perspectivas de mudar essa realidade.

## 2.2. Ideais com as quais entra em desacordo

Na página 58 a autora afirma, de forma générica que o aluno no processo ensino-aprendizagem assimila o medo, daí o aluno aprende a ser dócil, a obedecer sempre".

### 2.3 Fundamentação para sua oposição às idéias do autor

Concordo com a autora quando a mesma diz que o papel da escola nas sociedades capitalistas é de disciplinar os indivíduos para adequá-los à sociedade. Porém, percebemos que a própria estrutura da escola possibilita contradições, pois muitos alunos acabam se rebelando às normas, às regras, os regulamentos se rebelando ao contrário, em vez de aprenderem a ser dóceis obedientes se tornam "indisciplinados", questionando inclusive a organização da escola. O aluno ao chegar à escola traz muitas experiências apreendidas fora dela, como ele é um ser ativo, muitas vezes seus questionamentos acabam modificando algumas estruturas, um exemplo disso é que algumas escolas já aboliram o fardamento escolar como resultado de uma exigência feita pelos próprios alunos. Além do que, se alguns alunos se tornam obedientes não significa que assimilaram a disciplina escolar, pode ser apenas uma estratégia de convivência pacífica, pois têm consciência que um conflito aberto com o diretor, professor, colegas poderia ser-lhes prejudicial, na medida que ficando "marcado" como indisciplinado "isso traria sérios problemas, por exemplo ser expulso da escola. Porém, ser obediente não significa ser dócil sempre, pois os alunos poderão encontrar formas sutis de questionar o sistema escolar, um exemplo disso pode ser as altas taxas de evasão da escola, entre outros motivos, podem estar denunciando que alguma coisa não vai bem.

Portanto, acreditamos que na escola não só se aprende a obedecer, mas também a ser rebelde, uma prova disso é que em qualquer escola encontramos alunos "indisciplinados" que rejeitam

se adequar ao sistema escolar, mostrando que a escola não é tão competente assim em seu papel de disciplinadora.

#### 2.4. Idéias que suscitaram dúvidas e criaram uma indagação a respeito

Quando a autora fala que a escola, tal como esta estruturada auxilia o processo de desfalitização das classes subalternas, fazemos o seguinte questionamento: será que o papel da escola é fomentar a capacidade de organização da classe trabalhadora? Acreditamos que este tipo de entendimento não corresponde de forma global, a realidade. Pois a escola em outras foi vista por intelectuais, militantes de partidos políticos... como um espaço de conscientização dos que nela atuavam, como um local onde poderia circular as contra-ideologias, isso é repensado é relativizado, pois alguns educadores "progressista", acreditam, que deve circular as contra ideologias, mas que o papel da escola não é de fazer a revolução socialista. A escola sozinha não tem esse poder.

Além disso outro questionamento vem a tona, será mesmo que o processo ensino-aprendizagem despatiliza as classes subalternas? Adotamos a análise de Georges Snyders esboçada no livro "Escola, classe e luta de classe" em que afirma que existem forças progressistas presentes e atuantes na escola que procuram quebrar o papel da escola, nas sociedades capitalistas, como o de repassar as ideologias capitalistas. Estas forças são: a resistência dos alunos, no cotidiano escolar, pois podemos

observar que alguns alunos não acreditam em tudo que o professor transmite, nem tudo o que o professor pede o aluno faz. Este conflito mostra o quanto os alunos resistem à pura imposição de ideologia; alguns professores ao transmitirem os valores da sociedade capitalista o fazem de forma crítica, empenhando-se em desenvolver o senso crítico dos alunos; e, por fim, a terceira força progressista que atua dentro da escola são os movimentos sociais, pois desses movimentos surgem pois que exigem bom atendimento escolar, mais vagas etc., a partir daí, muitos governos diretores e professores são forçados a tomar medidas que melhorem o ensino ou que modifiquem alguns aspectos conservadores da escola. Portanto, tudo isso não seria uma forma de politização?

#### 1.5. Aprendizagens novas realizadas

- Algumas sugestões sobre uma possível reformulação curricular, tais como: introdução de novos conteúdos, relação aluno mais cordial e etc.

- Percebemos como os alunos descrevem as dificuldades do processo ensino-aprendizagem, apresentando uma série de queixas, comentários e justificativas que são bem interessantes e que alguns desses questionamentos ainda não tinham sido analisados e/ou pensados por nós sobre o ensino e, em particular, sobre o ensino noturno.

## 1.6. Apreciação

O texto apresenta uma análise muito interessante sobre os problemas e dificuldades do ensino noturno. Através das várias entrevistas realizadas com alunos, professores e funcionários a autora mostra como estes principalmente os alunos - vêem e/ou fazem representações sobre o cotidiano da prática escolar.

Este texto é excelente para pretensos profissionais ou profissionais do ensino que não tiveram experiência práticas, principalmente, em escolas noturnas.

Através das dificuldades levantadas pela autora ficamos pensando na possibilidade de fazermos alguma coisa para minimizar alguns problemas descritos pelos alunos. Ao planejar uma aula tentaremos selecionar conteúdos que também tratem da realidade do aluno, de suas expectativas (lazer, assuntos atuais...) ou pelo menos tentaremos associa-los à realidade deles; procuremos usar uma linguagem mais acessível; viabilizar uma relação professor-aluno mais cordial, procuremos fomentar no aluno o senso crítico como via de politização.

Sabemos que não é possível mudar a atual estrutura da escola, porém acreditamos que como a educação é um processo onde todos os envolvidos participam, que possamos construir algo novo. Tanto é assim, que através desse texto aprendemos uma lição: é necessário ouvir o que os alunos têm a dizer e a sugerir sobre o processo ensino-aprendizagem.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE HUMANIDADES

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

CURSO: HISTÓRIA

DISCIPLINA: PRÁTICA DE ENSINO DE HISTÓRIA NO 1o e 2o. Graus

PROFESSOR-ORIENTADOR: CELSO GESTEMEIER DO NASICMENTO

ESTAGIÁRIA: RILMA SUELY DE SOUSA MELO

MATRÍCULA: 9013289-X

#### FICHA DE LEITURA

##### 1 - COBERTURA EXTERNA DO TEXTO

FISCHER, Rosa Maria Bueno. "A questão das técnicas didáticas",  
Iguí, mimeografado, 1976.

##### 2 - ANÁLISE

###### 2.1. Enfoques Principais

A autora faz uma discussão, crítica sobre a Metodologia do Ensino e Técnicas didáticas, enfocando os seguintes pontos: a prática pedagógica; o tecnicismo na educação (representada pela supervalorização das técnicas didáticas como sinônimo de eficiência e produtividade); confusão entre metodologia do ensino e técnicas didáticas.

O texto mostra que é necessário fazer uma crítica prévia ao optar por uma metodologia de ensino, visto que é a

metodologia que norteia o processo ensino-aprendizagem. A autora sugere uma nova metodologia de ensino, na medida que propõe algumas dicas sobre duas técnicas didáticas bem usuais: a aula expositiva e o trabalho em grupo.

Para ela uma boa aula expositiva deveria ser bem elaborada e pesquisada, contar com exemplos concretos, ser logicamente desenvolvida, etc. já o trabalho em grupo deveria ser antecedido de estudos individuais, toda a equipe deve dar sua opinião, citação de obras consultadas, as conclusões devem ser produto de todo o grupo, etc.

## 2.2. Idéias com as quais entra em desacordo

Nenhuma

## 2.3. Fundamentação

Todas as idéias apresentadas pela autora são bem interessantes e pertinentes, pois apresentam questões bem próximas a nós. Percebemos que durante nossa graduação alguns professores fazem muita confusão entre metodologia de ensino e técnicas didáticas. Muitas aulas expositivas são uma verdadeira "cocha de retalhos", onde o professor apresenta o conteúdo de forma aleatória; muitas vezes o professor diz ser "progressista", mas suas técnicas são tradicionais, na medida que de forma autoritária exigem certas atividades aos alunos, mesmo sabendo que estes não podem cumpri-las a contento.

Existem professores no DHG (Departamento de História e Geografia) que passam as aulas todas "vomitando" conhecimentos,

enquanto os alunos ficam ora com conversas paralelas, ora "dormindo", ou simplesmente saem da aula. Percebendo que não há qualquer motivação que nos prenda a aula. Às vezes o assunto é muito interessante, mas a falta de originalidade do professor não chama a nossa atenção para ele, a não ser pela vontade de "pagar" a disciplina. Muitas vezes optamos em estudar o assunto em casa, sem o auxílio do professor.

Alguns professores não têm critérios bem definidos para avaliar o aluno, além de que são os "padrinhos" de certos alunos que não frequentam as aulas, chegando até a não fazer avaliações, mas não são reprovados.

Gostaríamos de enfatizar que este texto nos levou a fazer uma auto-avaliação das aulas expositivas que ministramos na prática de ensino, pois se tivéssemos lido este antes das aulas teríamos incorporado algumas sugestões da autora. Percebemos que durante os mesmos não relacionamos o conteúdo a vivência do aluno (a sua realidade, falamos muito rápido, o que poderá ter prejudicado o entendimento do conteúdo pelo aluno, além de não termos distribuído o texto (com o assunto da aula) com antecedência, para que os alunos viesse para a aula com alguma referência sobre o tema a ser exposto. porém, utilizamos alguns aspectos proposto pela autora, tais como: preparamos a aula com antecedência e pesquisamos em vários livros, fizemos uso de exemplos concretos, apresentamos o assunto logicamente e estacamos as idéias principais. Queremos ressaltar que algumas dessas dicas foram propostas pelo nosso orientador.

Outra coisa a autora mostra no texto como deveria ser um

trabalho em grupo mais proveitoso, daí ficamos pensando nos trabalhos em grupo que executamos durante o curso, muitos deles, a equipe dividia as "partes" do texto para a exposição de cada aluno e não chegávamos nem nos encontrar para discutir o conteúdo, na hora da apresentação cada um falava de sua "parte". Assim, além de só aprendermos aquela pequena parte do conteúdo, não socializávamos o saber que como a autora diz é o objetivo principal do trabalho em grupo.

Gostaríamos de dizer também que concordo com a autora quando ela fala que o professor deve permitir a interferência do aluno disciplinadamente na aula, pois é preciso desenvolver a capacidade de saber ouvir. Temos muita dificuldade em saber ouvir, pois queremos interferir, participar nas aulas e, as vezes, isso acaba (va) prejudicando outros alunos, na medida que quando falávamos, interrompiamos o raciocínio lógico que vinham fazendo do conteúdo. Achamos que se alguns professores tivessem alertado para o que a autora diz, poderíamos ter adquirido o hábito de ouvir mais.

Portanto, as análises e as dicas que a autora forneceu são muito pertinentes, pois falam de problemas didáticos da nossa realidade e, como futuros profissionais procuraremos levar em consideração.

#### 2.4. Idéias que suscitaram dúvidas e criaram uma indagação a respeito.

Quando a autora fala que a aula expositiva deve ser

complementada com leituras e discussões anteriores e, que o aluno deve vir para a aula "preparado para a exposição" faço o seguinte questionamento: que aluno lê antes de vir à aula?

Sabemos que na escola pública, principalmente de 1o. e 2o. graus quase nenhum aluno lê antes de vir à aula. O aluno de 3o. grau que teoricamente deveria ter como obrigação de fazer leituras complementares as aulas para que esta se tornasse menos cansativas e mais dinâmica, na medida que exige dos professores mais conhecimentos. Infelizmente, poucos alunos fazem isso, a maioria do alunado de 2o. grau não tem o hábito de fazer outras leituras ao conteúdo ministrado nas aulas, imaginemos aquele aluno de 1o. e 2o. graus que muitas vezes o único texto que dispõe é aquele passado pelo professor. Como ele irá ler antes ou depois da aula se lhe falta o próprio instrumento de leitura? Além de que o aluno não adquiriu o hábito de estudar cotidianamente, muitas vezes só estuda em época de prova, pois o que interessa a ele é a nota e não apreensão do conteúdo.

Diante disso, achamos que o professor deve incentivar o aluno a se aprofundar em seus conhecimentos, mas se perceber que estes não estão fazendo isto, o melhor é ele usar métodos e técnicas que não tornem as aulas "chatas" e cansativas ministre os conteúdos de forma bem racional para que o aluno compreenda e retenha pelo menos algum conhecimento.

## 2.5. Aprendizagens Novas Realizadas

Algumas sugestões e dicas para uma boa aula expositiva e para um trabalho em grupo significativo.

Através do texto percebemos o quanto é importante o professor sempre repensar sua metodologia e as técnicas usadas em sala de aula.

## 2.6. Aperfeiçoamento

O texto é excelente tanto para profissionais mais ligados ao processo ensino-aprendizagem de forma atuante como para aqueles profissionais que ainda não tiveram experiências práticas com a sala de aula, mostrando como se deve preparar e ministrar uma aula expositiva de boa qualidade como também como deveria ser feito um trabalho em grupo significativo.

O texto mostra ainda como é importante acabar com a confusão existente entre metodologia e técnicas pedagógicas pois isso contribui para uma educação de má qualidade.

Apesar de alguns professores perceberem que alguma coisa precisa ser repensada na sua prática escolar insistem em continuar com a metodologia arcaica e tradicional. Parece que temos "medo" de inovar, de tentar outros métodos de trilhar outros caminhos, pois é mais cômodo ficar ministrando aulas sem sentido exigindo trabalho em grupo que de grupo só tem o nome, visto que não há a socialização do conhecimento. É que a utilização de uma metodologia "nova" acarreta muito trabalho, mas dedicação e mais tempo. Daí, é melhor não ousar. Alguns professores alegam que o piso salarial não compensa um esforço tão grande.

Porém, acreditamos que é preciso sair do marasmo, que é

necessário inovar. Daí, pretendemos, em quanto profissionais do ensino, usar os novos métodos, mas não abandonar os velhos e sim, repensá-los como fez a autora com respeito a aula expositiva. Então, tentaremos levar em consideração as dicas fornecidas pelo texto, principalmente as idéias que dizem respeito que o conteúdo e as técnicas devem estar associada com a realidade do aluno; com a intenção de torná-lo participativo no processo ensino-aprendizagem. Pois como disse Paulo Freire "A Educação é um processo de madança". Assim, quem sabe que ao perdermos o "medo" de investir em nós mesmos de mudar sejamos um referencial, ou seja, quem sabe, outras pessoas nos seguirão e/ou nos imitarão.

## V - BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Rubem. Conversa com quem gosta de ensinar, São Paulo: Cortez, 1982.
- ANDREOLA, Balduino A. Dinâmica de grupo: jogo da vida e didática do futuro, Petrópolis: Vozes, 1989.
- AQUINO, Rubem Santos Leão de, et alii. História das Sociedades (das comunidades primitivas às sociedades medievais; Rio de Janeiro: Livro Técnico, 1980.
- ANDERSON, Perry. Passagens da Antiguidade e o Feudalismo. Porto Alegre: Afrontamentos, s/d.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é Educação, São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BARK, Mullian, Origens da Idade Média, Rio de Janeiro: Zahar, s/d
- CARVALHO, Célia Pezzolo de. A Prática Escolar, In: Ensino Noturno: realidade e ilusão, 3a. edição, São Paulo: Cortez; autores associados, 1985.

- COTRIM, Gilbert. História Geral, 7a. ed., São Paulo: Saraíva, vol. 2, 1982.
- CACERES, Florival e PEDRO, Antônio. História Geral, São Paulo : Moderna, 1976.
- FALEDA, Ivani Catarina Arantes (Org.) Um Desafio para a Didática experiência, vivência, pesquisa, São Paulo: Loyola, 1988.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. A questão das técnicas didáticas , Ijuí, mimeografado, 1976.
- FRORENZANO, Maria Beatriz. O mundo antigo: economia e sociedade, São Paulo: Brasiliense, 1982.
- GUERRAS, Maria Sosaes. Os povos Bárbaros, São Paulo: Ática , 1987
- MARONE, Gilbert Tibério e FRANCO JÚNIOR, Hilário. História Geral, In: Sistema Anglo de Ensino, São Paulo: "Ave Maria", 1984-85.
- NEVES, Maria Aparecida M. Ensinando e Aprendendo História, São Paulo: E.P.U., 1987.
- PERROY, e DANARD (Org.) III A Idade Média, In: História Geral das Civilizações, São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1974.